



O BRASILEIRO QUE FOI GENERAL DE SIMON BOLÍVAR — TRAÇOS DE SEU PERFIL MILITAR —

Cláudio Moreira Bento*

A PROJEÇÃO HISTÓRICA DE ABREU E LIMA

1. Significação Histórica na Venezuela

O historiador Vamireth Chacon na obra — *Abreu e Lima — General de Bolívar* (Rio, Paz e Terra, 1983), delineou, com apoio em farta e segura documentação, a real dimensão, da até então muito discutida e controversa vida e obra do ilustre brasileiro de Pernambuco — José Ignácio de Abreu e Lima. Este egresso como capitão de Artilharia, em 1816, da Academia Real Militar, do Largo de São Francisco, no Rio, hoje raiz da Academia Militar das Agulhas Negras, em Resende. Figura heróica e romanesca, se singularizou por haver lutado pela independência da Grã-Colômbia sob

as ordens de Simon Bolívar: participação caracterizada por sua atuação em diversas ações militares e, principalmente como tenente-coronel nas batalhas de *Boyacá* e *Carobobo*, decisivas, respectivamente, para a libertação da Colômbia e da Venezuela e fim do controle espanhol sobre a região do Caribe e, na batalha de *Ayacucho*, a Batalha das Nações, que assegurou a independência do Peru e se projetou como a última batalha da libertação colonial da América do Sul.

Em todas as ações, seja como secretário, chefe de Estado-Maior e comandante de tropas, impôs-se como “chefe valente ilustrado e fiel”. Como comandado e coman-

* Presidente da Comissão de Pesquisa Histórica Básica e membro efetivo dos IHGB e IGHMB.

dante conduziu-se com cordura e prudência e se constituiu exemplo de ordem e subordinação e, por tudo "benemérito da Venezuela em grau heróico e iminente", segundo se conclui de atestado muito lisonjeiro passado, em 24 de abril de 1831, por seu último comandante na Venezuela — o general Mariano Montilla, então comandante do Departamento de Magdalena que Abreu e Lima fora chefe de Estado-Maior.

Ao retornar ao Brasil, depois de estar 15 anos afastado por seu envolvimento na Revolução Pernambucana de 1817, foi, por atos sucessivos do Império do Brasil, considerado no gozo dos direitos de cidadão brasileiro; permitido-lhe usar os títulos de General da Colômbia e as condecorações que este país lhe conferiu relativas às ações militares de Boyacá, Carabobo e Puerto Cabello, onde teve grande destaque como combatente e honrou sua formação na Academia Real Militar do Rio de Janeiro e mais sua placa de Libertador da Venezuela, que vez por outra usava com justificado orgulho.

Hoje, quem visitar o Forte Tuma, em Caracas, depara à sua entrada com imponente monumento a Los Próceres da La Independência, no qual, encabeçando a lista dos generais-de-brigada, o turista encontrará o nome JOSÉ IGNÁCIO DE ABREU Y LIMA, brasileiro — inscrição que se constitui em sua consagração militar. Sua consagração como pensador político independente que foi depois de retornar ao Brasil e até falecer, consta de sua lápide logo à entra-

da do Cemitério dos Ingleses, no Recife, com a seguinte inscrição: "Aqui jaz o cidadão brasileiro, general José Ignacio de Abreu e Lima, propugnador esforçado da liberdade de consciência". Faleceu em 8 de março de 1869. Foi-lhe negada sepultura no Cemitério Público, pelo Bispo D. Francisco Cardoso Ayres. Isto por haver recusado a abjurar o seu catolicismo-ecumênico do que, talvez, tenha sido um precursor entre nós.

Tentar recompor o itinerário e traços do perfil militar do general Abreu e Lima é o nosso objetivo, ao lado de algumas colocações em torno da falsa imagem que tem sido dele projetada e da real que passou a ter, em função do magnífico trabalho de Vamireth Chacon, junto ao Tribunal Brasileiro de História. Tribunal que por certo colocará Abreu e Lima na galéria dos heróis brasileiros precursores de nossa emancipação política, ao lado de seu pai, mártir da Independência do Brasil e seu homônimo.

2. A falsa imagem de Abreu e Lima — uma interpretação

Até o livro de Vamireth Chacon, a verdadeira imagem de Abreu e Lima era desvirtuada por conceitos, negativos, dúbios, apressados emitidos no calor das inúmeras brigas, disputas e polêmicas filosóficas, políticas, históricas e até patrimoniais que entretteve com adversários do porte de Ramon Gusman, na Venezuela, Evaristo da Veiga, Regente Diogo Feijó, Cône-

go Januário da Cunha Barbosa, Visconde de Porto Seguro, Monsenhor Pinto de Campos, Bispo Cardoso Aires, colônia portuguesa no Recife, família Cavalcanti, em Pernambuco e Inquisição, para citar os mais poderosos e importantes.

Assim foi alvo de ataques, farsas, ironias e intrigas diversas, incorporadas à Memória Nacional por jornais, publicações e registros da época e deles exumados, para usos diversos, sem a devida e serena crítica pelo Tribunal de História.

Segundo se conclui de Vamireth Chacon, Abreu e Lima foi um solteirão inveterado, dono de um temperamento irascível, impulsivo, agitado, polêmico, do tipo que não levava desaforo para casa. Assim contam-se inúmeros casos de ter ido às vias de fato. Suas atitudes muitas vezes beiravam o quichotismo. Era um hipocondríaco notável, sempre atormentado por dores de cabeça, mais de fundo emocional do que orgânico. Era afetivo para com seus amigos, o que prova a consideração que os Generais Bolívar e Paez e respectivas famílias lhes dispensavam. Carregava uma mágoa pelos privilégios reservados aos portugueses no Exército e na Academia Real Militar e uma grande admiração e amor por seu pai, cuja execução à morte, por estar implicado na Revolução Pernambucana de 1817, foi obrigado a assistir no Campo Santana ou da Pólvora da Bahia. Herdara em grande parte o temperamento do pai, sua valentia e até o nome, chegando ao ponto de

adotá-lo igual, em 1816, em requerimento. Era de certo modo puro e ingênuo e presa fácil de diversas intrigas em que o enredaram ao longo de sua vida. Por outro lado, era fiel às suas convicções, pensador político fecundo, defensor intransigente da liberdade de consciência e orgulhoso da sua independência do governo, ao qual só recorreu uma vez pedindo que reconhecesse seus títulos e condecorações conquistados nas guerras de Independência da Colômbia e da Venezuela.

Por todas estas características, segundo interpreto, apareceu no campo das idéias dominantes e cristalizadas de seu tempo, "à semelhança de um macaco solto numa loja de louças e cristais". Com isto despertou as mais variadas reações e ataques preventivos de seus diversos contendores e entre estes cite-se seus próprios irmãos.

Argeu Guimarães ao estudá-lo, em 1920, percebendo as contradições do General de Bolívar que despertou à época em que viveu tantas reações e inimizades incontáveis, escreveu:

"Não há por que deprimir Abreu e Lima pelas contradições que o afligem, elas muitas vezes são aparentes. Por que, em realidade, se trata de um alto espírito que não cessa de evoluir."

3. A Real Imagem de Abreu e Lima

Vamireth Chacon, com sua autoridade de historiador das idéias políticas e autor inclusive dos ex-

celentes trabalhos traçando o perfil parlamentar e pensamento político, em 1982, do senador Manoel Luiz Osório e Marquês do Herval e do deputado Euclides de Figueiredo, assim apresenta o seu co-estaduano, com apoio em análise modelar e isenta, em que pese o apreço, profunda admiração e, até certo ponto, identificação com o general Abreu e Lima, conforme o referiu.

“Liberal radical, transformado em liberal moderado clássico. Defensor da monarquia hereditária constitucional, socialista utópico e católico ecumênico.”

Para Morivalde Calvet Fagundes em *a Maçonaria e as Forças Secretas da Revolução*, Abreu e Lima atuou como um maçom liberal retrógrado e restaurador, ao lutar no Brasil pela restauração de D. Pedro I no trono do Brasil, após haver estado com este na Europa. E, assim sendo, se opunha aos “maçons moderados e exaltados atuando no Rio de Janeiro”.

Abreu foi, ainda na Venezuela, envolvido em intrigas por sua posição favorável à monarquia constitucional hereditária. Posição expressa em carta ao General Santander, em 14 de junho de 1823, da seguinte forma:

“Concordar com o sistema imperial constitucional é o passo mais acertado para os brasileiros. Pois, toda a outra forma de governo nos teria confundido e reduzido a uma completa anarquia e dissolução. O Brasil é imenso e povoado somente no litoral, por uma mistura de classes que jamais poderiam integrar-se sob nenhum

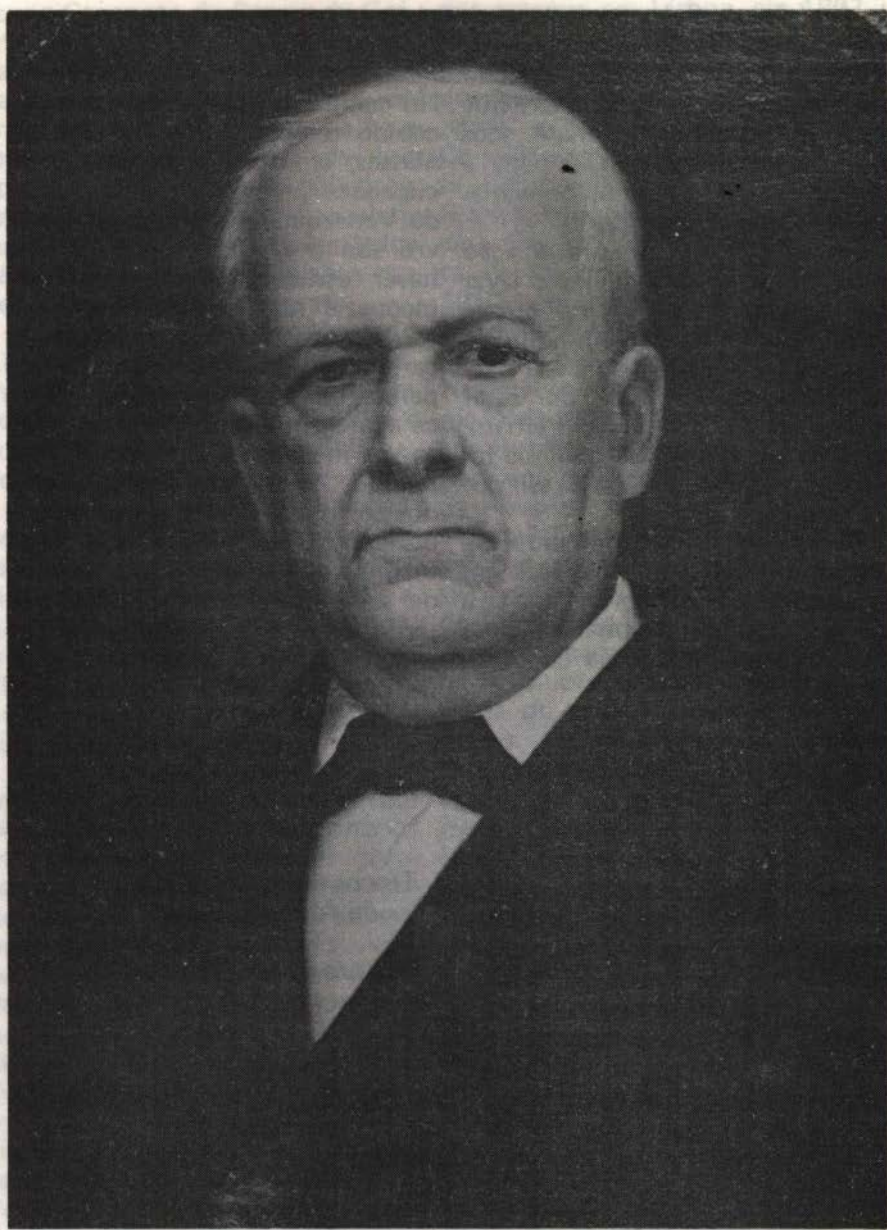
sistema, que se afasta muito do sistema imperial antigo.

Fica claro que Abreu e Lima foi à Venezuela e Colômbia lutar pela independência e não pela República.

Portanto, era coerente sua atitude, ao retornar ao Brasil, de defender o retorno de D. Pedro I, e na sua ausência sua irmã, a Princesa D. Januária, como regente. Ainda em 1840, como sinal de vitória de sua tese, visitou o Imperador D. Pedro II para cumprimentá-lo pela maioria. E o fez fardado de General da Colômbia, com todas as suas condecorações. Daí em diante não mais usou a farda e as medalhas conquistadas em combate e somente, vez por outra, a placa de Libertador da Venezuela. Deixando a política, dedicou-se a escrever seu primeiro trabalho — *Compêndio de História do Brasil*... Ele o dedicou:

“Ao muito alto, muito poderoso Senhor D. Pedro II, Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil — em sinal de profundo respeito e da mais pura afeição e lealdade.”

Talvez se San Martín, adepto da monarquia constitucional, não tivesse sido voto vencido em sessão maçônica em Guaiaquil, da qual se retirou abruptamente e em silêncio, para a Europa, vencido pelo ponto de vista de Simon Bolívar, republicano constitucional, outro seria hoje o mapa da América do Sul. Talvez constituída de três ou quatro poderosas nações. A manutenção da Unidade do Brasil, com a Monarquia, em contraposição com o fracionamento da Unidade



General José Ignacio de Abreu e Lima (1794–1869)
(Arquivo do IHGB Lata 48 – nº 11)

da América do Sul espanhola, com a República, parece comprovar o acerto do ponto de vista do brasileiro General de Bolívar, que defendeu o libertador até seus últimos instantes com a pena e com a espada, o que os bolivarianos nunca devem olvidar.

Abreu e Lima, em sua posição monárquica, não se deixou levar por mágoas contra a monarquia absoluta em Portugal, em nome da qual seu pai foi fuzilado à sua vista em Salvador, em 1817, por estar envolvido na Revolução Pernambucana, em função da qual ele foi obrigado a afastar-se do Brasil por 15 anos.

Penso que o acolhimento de Abreu e Lima pelos ingleses em seu cemitério, no Recife, ligue-se a sua vinculação à maçonaria inglesa defensora da monarquia constitucional.

4. A falsa visão ultrapragmática de Abreu e Lima

O erro mais grave e o maior desserviço à memória de Abreu e Lima foi cometido por analistas apressados e ultrapragmáticos, ao explorarem sua figura como precursora do comunismo e depois do socialismo no Brasil. Isto por terem-no julgado apressadamente um anticlerical, acatólico e filho natural de um padre que por esta razão alimentou diversas polémicas com a Igreja e seus ministros, como a de acusar a Bíblia de falsa e criticar a Inquisição em sua época. Atitudes que terminaram por ser-lhe negada sepultura em cemi-

tério público, que era também o católico, em função da União da Igreja com o Estado no Império. No campo das idéias por haver recebido o apelido de General das Massas, em relação as suas preocupações pelo povo, ao retornar da Venezuela, por haver escrito livro sob o título *Socialismo*; por haver estudado e clinicado Homeopatia no Recife e idealizado torná-la acessível à população mais carente do Recife, aliás ideal que parece ter sido colocado em prática agora em Niterói; por haver feito sua malograda campanha de deputado, junto aos trabalhadores do porto de Recife e por outros motivos. Situação agravada pelos incontáveis ataques que recebeu de seus inúmeros adversários que terminaram por confundir e desvirtuar sua real imagem póstera. Os que o têm explorado assim — desistam de fazê-lo. Abreu e Lima não foi nada disso, conforme o provou Vamireth Chacon.

Traços do perfil militar de Abreu e Lima

Soldado de artilharia do regimento de Pernambuco

José Ignácio de Abreu e Lima nasceu no Recife, em 8 de março de 1794, quando seu pai José Ignácio Ribeiro de Abreu e Lima — conhecido pela alcunha de Padre Roma, possuía 26 anos. Consta com apoio em diversos documentos que seu pai grande orador, ou-sado e valente, havia estudado an-

tes no Convento do Carmo de Goiânia e com o nome de Frei José de Santa Rosa. E que dali seguira para a Europa, onde graduou-se em Teologia, em Coimbra e fora sagrado padre em Roma (daí seu apelido de Padre Roma) pelo mais tarde Papa Pio VII, que o secularizaria por breve oficial. Estes dados não estão ainda comprovados por documentação firme e segura.

Para Argeu Guimarães, Abreu e Lima herdara do pai "o temperamento impulsivo e agitado, caráter veemente, espírito insatisfeito e acentuada fisionomia de batalhador e idealista".

Segundo se conclui do historiador pernambucano Pereira da Costa, Abreu e Lima estudou em escola secundária leiga que passou a funcionar no Seminário de Olinda, inaugurado em 22 de fevereiro de 1800, por D. Azeredo Coutinho, bispo de Olinda e Governador Civil de Pernambuco.

Seminário que, segundo o mestre Pedro Calmon, se constituiu num dos núcleos revolucionários mais intensos e influentes desse tempo. "Seminário que teria grande projeção na Revolução Pernambucana de 1817, chamada ainda por Pedro Calmon de "Revolução dos Clérigos". Pois nela tomaram parte, segundo Renato Alencar, 60 padres e 10 frades, e quase todos os maçons. Estes iniciados, em maioria, em loja maçônica criada em Pernambuco em 1809, da qual faziam parte o padre João Ribeiro Pessoa, alma da Revolução, e o padre Miguelinho, ambos professores do Convento de Olinda segundo Morivalde Calvet Fagundes, inicia-

dos maçons em Lisboa, em 1807. A esta Loja de Pernambuco teria pertencido de forma atuante o padre Roma, pai de Abreu e Lima. Abreu e Lima na escola leiga do Convento, segundo Pereira da Costa, adiantou-se em Humanidades (Latim, Filosofia, Retórica e Francês). Em 1811, ao conhecer a carta de lei de 4 de dezembro de 1810, do Príncipe D. João, que criou a Academia Real Militar, Abreu e Lima assentou praça no Regimento de Artilharia da guarnição de Pernambuco, com parada em Recife (local defronte à Santa Casa em 1824 — fim da rua Larga do Rosário).

Esta Unidade, ao lado do Convento de Olinda, irá ter papel decisivo na Revolução Pernambucana de 1817. Nela teve lugar, na manhã de 6 de março de 1817, o início da revolução, com a revolta e tomada do quartel pelos revolucionários. Revolta cujo início foi assinalado pela morte, a golpe de espada, do comandante do Regimento, Brigadeiro Manoel Barbosa da Costa, fulminado pelo capitão José Barros de Lima — O Leão Coroado, do mesmo Regimento, com auxílio de seu genro.

Abreu e Lima ao ingressar, o fez como soldado. Tinha que provar perante um Conselho do Regimento, formado pelo comandante, auditor e três capitães, idoneidade e filiação.

É possível que os seus futuros colegas, capitães de 1816 e revoltosos do citado Regimento, tenham lhe atestado idoneidade e filiação: (Capitães Domingos Teotônio, Jorge Martins Pessoa, José

Barros Lima e Amaro Francisco de Moura).

Assim, antes de partir para o Rio, Abreu e Lima havia tomado contato com os três mais influentes núcleos da Revolução nativista de 1817 em Pernambuco: Convento de São Bento, Loja Maçônica de Pernambuco e o Regimento de Artilharia, onde era muito grande a animosidade entre oficiais brasileiros e portugueses.

Matrícula na Academia Real Militar

Em 10 de setembro de 1811, o Conde de Linhares autorizou a matrícula de Abreu e Lima, no ano de 1812, nos estudos da Academia Real Militar nos seguintes termos, em aviso à Junta da Academia.

"Aviso sobre,
**JOSÉ IGNÁCIO DE ABREU
E LIMA MELLO**

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor — O Príncipe Regente, nosso Senhor maior, houve por bem conceder licença a **JOSÉ IGNÁCIO RIBEIRO DE ABREU E LIMA MELLO**, Soldado da oitava Companhia do Regimento de Artilharia da Guarnição da Praça de Pernambuco, para poder matricular-se nos estudos da Academia Real Militar, ao ano próximo futuro. . . .

Ass: Conde de Linhares."

Em 15 de abril de 1812, o segundo ano de funcionamento da Academia Real Militar no Largo de São Francisco, Abreu e Lima foi matriculado na Academia como segue, conforme o livro de matrícula:

"**JOSÉ IGNÁCIO RIBEIRO DE ABREU E LIMA** — O José Ignácio Ribeiro de Abreu e Lima, soldado de Artilharia de Pernambuco, de idade de dezessete para dezoito anos, foi admitido à matrícula do primeiro ano Matemático na classe obrigatória, por despacho da Junta Militar, em 15 de abril de 1812."

Abreu e Lima ingressou na Academia Militar Real como soldado de Artilharia e não como cadete. A condição de soldado, bem como a de cadete de Artilharia pela Carta de Lei que criou a Academia, caracterizava a classe dos obrigados à graça, distinta dos demais, da classe dos voluntários. Como obrigado passou a receber o soldo e farinha (alimentação) de sargento de Artilharia, de igual forma que os cadetes de Artilharia. Ainda como obrigado, Abreu e Lima passou a participar de acordo com a Carta de Lei que criou a Academia Real Militar, com maior rigor dos Exercícios Científicos e a dar aulas teóricas e práticas, o que também era exigido dos voluntários mais aplicados. Passou a concorrer, ao final do ano, com os prêmios (partidos) em dinheiro conferidos aos alunos de maior distinção.

Os obrigados também se distinguiram dos voluntários por estarem sujeitos a praticar no Regimento de Artilharia nos dias que a Junta da Academia ordenasse, em acordo com o comandante do Regimento e sem prejuízo dos estudos.

Assim Abreu e Lima não ingressou como cadete na Academia Real Militar, condição conferida

aos filhos dos maiores de 1.^a linha de Portugal e postos superiores e dos mestres de Campo de Auxiliares e Ordenanças e outros que por seus pais e quatro avós provassem nobreza notória. Assim, não era exigida nobreza notória para o ingresso na Academia.

Acreditamos que a condição de soldado e de cadete de Artilharia fosse precursora da classe nobre de soldado particular criada, em 1820, por D. João IV, oito anos depois da matrícula de Abreu e Lima e destinada aos filhos da burguesia, ou a filhos de pais notáveis no mundo civil "pelo emprego ou cabedais". Classe criada com a de segundo cadete destinada aos filhos dos oficiais de 1.^a linha no Brasil e aos condecorados, com alguma ordem de Portugal. Como todos os alunos da Academia Real Militar, Abreu e Lima passou a desfrutar os privilégios e franquias concedidos aos alunos de Universidade de Coimbra. Em 1818, decorridos seis anos de sua matrícula, foi permitido que filhos legitimados gozassem privilégios dos pais, para os efeitos do Estatuto do Cadete.

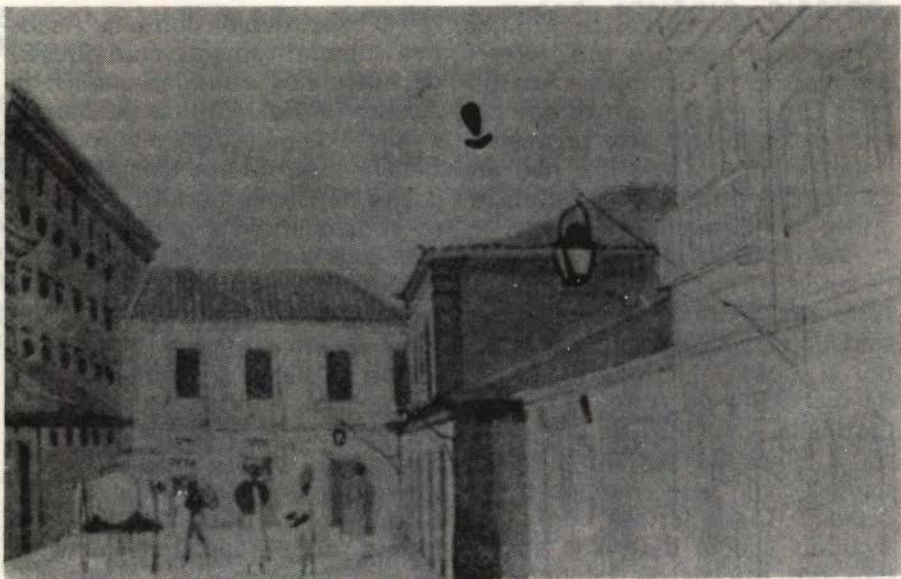
O curso na Academia Militar Real era inicialmente de sete anos. Destes, os quatro primeiros matemáticos, ao final dos quais o aluno era designado oficial do Exército de Portugal, bem com a respectiva Arma. Os três últimos anos eram os militares cinco, seis e sete anos. A Carta de Lei exigia que para sair alferes de Cavalaria e Infantaria era necessário o 1.^o matemático e o 1.^o militar (quinto da escola).

O executivo da Junta da Academia cumulativamente com direção de exercícios militares anuais da Academia Real Militar de ataque e defesa de praças era o coronel de Engenheiros Mário Jacinto Nogueira da Gama, de fato o primeiro comandante na extensa e honrosa galeria de ex-comandantes ou dirigente da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende. O coronel Jacinto atingiu o marechalato e o título de Visconde de Baependi. Foi ministro do Império, deputado senador e presidente do Senado no Império e autor do primeiro orçamento unificado do Brasil. Foi na Fazenda de Santa Mônica por ele construída, em Valença, que passou os últimos 800 dias de vida e faleceu em 7 de maio de 1880 o Duque de Caxias, aos cuidados do filho do Visconde de Baependi, que era casado com uma das suas filhas, a baronesa de Santa Mônica.

Por todas estas razões o Exército está recuperando a sede daquela fazenda a única casa ainda de pé ligada ao Duque de Caxias.

No 1.^o Ano Matemático da Academia Real Militar — 1812

Abreu e Lima cursara sucessivamente o 1.^o, 2.^o e 3.^o anos do Curso Matemático e 1.^o ano do Curso Militar. Deixara a Escola depois de maio de 1816, quando cursava o 4.^o último ano Matemático. Deduz-se que como obrigado tenha praticado durante todo o tempo no Regimento de Artilharia do Rio de Janeiro. O Duque de Caxias tirará curso equivalente ao de



A seta indica os fundos da Academia Real Militar, do Largo do São Francisco em 1812, ano em que nela ingressou como soldado de Artilharia do Regimento Pernambucano, com 18 anos, José Ignácio Abreu e Lima (Fonte: BARATA, *Escola Politécnica no Largo de São Francisco*, 1973).

Abreu e Lima. Ou seja, freqüentará sucessivamente o 1º Matemático, 1º Militar, 2º Matemático e 3º Matemático. Não chegou a iniciar o 4º Matemático como fez Abreu e Lima sem concluí-lo.

A hierarquia escolar funcionava. Abreu e Lima entrou como soldado. No ano da inauguração, em 1811, havia entrado somente um soldado proveniente do Regimento de Artilharia da Bahia.

O posto-predominante era o de cadete e havia até majores.

Abreu e Lima trazia como vantagem seus conhecimentos de latim e francês aprendidos na escola do Convento de Olinda. Isto lhe dava um *status* especial, de colocação na cabeça da lista de matrí-

cula e, ao final do curso, uma vantagem para escolha do local para servir, conforme regulamento da Academia.

As matérias previstas no 1º ano eram Aritmética, Álgebra (equação 3º e 4º graus), Geometria, Trigonometria Retilínea e noções de Esférica e Desenho. Eram indicadas obras específicas dos seguintes autores franceses:

- Sylvestre François Lacroix (1765–1843) — Matemático
- Adrien Marie La Gendre (1752–1834) — Geômetra
- Jean Baptiste J. Delambre (1759–1808) — Astrônomo
- Euler Leonard (1707–1783) — Geômetra (suíço)

Abreu e Lima continuou como soldado de Artilharia e se mostrou muito assíduo, com só duas faltas em abril e duas em maio justificadas.

No 2º Ano Matemático da Academia Militar Real – 1813

As matérias previstas foram Resoluções de Equações, Analítica, Cálculo Diferencial e Integral, Descritiva e Desenho.

A Carta de Lei indicava as obras específicas dos seguintes mestres franceses:

- Sylvestre François Lacroix (1765–1843) – Matemático
- Gaspar Monge (1746–1818) – Geômetra

Durante todo o curso Abreu e Lima continuou como soldado de Artilharia, depois de matriculado em 2 de abril. Seu nome apresentou a supressão do sobrenome Mello e a apóstrofe em d'Abreu. Foi assíduo, com faltas justificadas: quatro em maio; quatro em julho e duas em agosto e outubro.

Ao final do ano, em 24 de novembro de 1813, figurou como furriel do Regimento de Artilharia de Pernambuco, requerendo promoção a 2º Tenente.

No 3º Ano Matemático da Academia Militar Real – 1814

Em função de sua dedicação aos estudos, foi matriculado no 3º ano, 21 de março de 1814, na condição de 2º Tenente do Regimento de Artilharia de Pernambuco e com o nome José Ignácio Ribeiro

d'Abreu e Lima. De sua assiduidade dizem suas faltas: abril – duas; maio – uma justificada, outra não; junho – uma justificada, julho – três justificadas e três não; agosto idem; setembro – três; outubro – três justificadas; novembro – quatro justificadas. As matérias previstas foram Mecânica (Estática e Dinâmica); Hidráulica (Hidrodinâmica e Hidroestática); Balística e Desenho. Foram indicados os seguintes autores franceses e dois ingleses:

- Louis Benjamin Fracoeur – Mecânica
- Gaspard Clair François M. Prony (1755–1839) – Hidráulica
- Olinthus Gilbert Gregory (1774–1841) – Mecânica (inglês)
- Jean Antoine Fabre (1749–1834) – Engenheiro
- Abade Charles Bossut (1730–1814) – Matemático
- Etienne Bezout (1730–1783) – Matemático
- Benjamin Robins (1707–1751) – Matemático (inglês)
- Leonard Euler (1707–1783) – Geômetra (conhecido como Eulero)

No 1º Ano Militar da Academia Real Militar – 1815

Em 5 de março Abreu e Lima foi matriculado no 1º ano Militar da Academia, que correspondia ao 5º ano do curso completo. Interrompeu assim o Curso Matemático.

Este ano era atribuído a dois professores. O primeiro lecionava

Tática Estratégia, Castramentação (Arte de Acampar), Fortificação de Campanha e Reconhecimento de Terrenos. O segundo professor lecionava Química.

Para assuntos militares devia-se atentar no que de importante havia aparecido sobre a matéria e, em especial, nos escritos dos generais franceses:

— Barão Simon François Gai de Vernon (1760–1822). Havia sido capitão de Engenheiros em 1790 e servido com distinção no Exército do Reno (1792–93). Como major-general no Exército do Norte ele fez aceitar o plano de campanha de que resultou as batalhas *Honds Choote* e *Menin* e a libertação de Dunkerque. Integrou a direção da Escola Politécnica — 1798–1811. Fez a campanha de 1812 e dirigiu, em 1813, a defesa de Torgau.

Era autor de duas obras notáveis sobre Fortificações de Campanha.

— Conde de Cessac, Jean Girard Lacuée (1752–1841). Capitão em 1785. Integrou em 1789, Comitê instituído pela Assembléia Francesa para reorganizar o Exército da França. General-de-Brigada, em 1793, encarregado de organizar a defesa da Fronteira dos Pirineus. Dirigiu o *Bureau* de Guerra em 1795. Presidente da Seção de Guerra do Conselho de Estado, em 1803. Ministro da Guerra em 1808, Inspetor Geral de Infantaria 1814. Obras principais:

- *O guia de oficial em campanha* — 1786, 2v.
- *Projeto de Organização do Exército Francês* — 1789.

— *Arte Militar* (sobre Tática e Estratégia depois da Revolução Francesa).

Portanto, as obras sobre fortificações em campanha do General e Barão Gay de Vernon juntas com as sobre Artilharia (Estratégia e Tática) e Serviço em Campanha do Conde Cessac tiveram grande influência na formação dos oficiais egressos de nossa Academia Real Militar.

Curiosamente, D. João, obrigado por Napoleão a transferir-se para o Brasil com a Família Real, procurou basear o ensino científico da Academia Real Militar em cientistas franceses e o ensino militar em obras de dois generais franceses que se destacaram na formulação da Doutrina Militar da Revolução Francesa que foi abordada pela Cadeira de História da Academia Militar e de forma sintética na obra:

— AMAN — *História da Doutrina Militar na Antiguidade da II GM.* Barra Mansa, Gazetilha. 1979 — pp. 79–83

Abreu e Lima estudou nestas obras em 1815 e o futuro Duque de Caxias em 1819.

O curso de Química era baseado na obra dos seguintes cientistas franceses:

- Antoine Laurent Lavoisier (1743–1754)
- Louis Nicolas Vauquelin (1763–1825)
- Antonio François Fourcroy (1755–1809)
- Jean Antoine Chaptal (1752 – 1832)

O curso de Estratégia, Tática e Serviço em Campanha de Abreu e Lima de 1815 foi complementado com os quatro anos de exercícios práticos no Regimento de Artilharia e mais nas manobras anuais da Academia de ataque e defesa de praças. Isto conferiu a Abreu e Lima uma muito boa formação militar para a época e da qual iriam se beneficiar as guerras de libertação da Colômbia, Venezuela e Peru e os generais de que Abreu e Lima foi Chefe de Estado-Maior.

No 4º Ano Matemático da Academia Real Militar — 1812

Abreu e Lima foi matriculado no último ano matemático, em 6 de março de 1816. Sabe-se que frequentou março e abril com 11 faltas justificadas. Daí por diante é um mistério o seu itinerário, que carece ser mais esclarecido.

Sabe-se que em 11 de maio de 1816 havia atingido o posto de Capitão de Artilharia, com 22 anos, a concluir por requerimento que fez ao Secretário da Junta da Academia, no sentido de que certificasse se ele havia frequentado, ou não, matriculado, o quinto (4º Matemático) da mesma Academia.

Em resposta, deduz-se que havia frequentado matriculado "tendo cometido 11 faltas justificadas na frequência dos meses de março e abril de 1816.

Aí terminam os registros de Abreu e Lima na Academia Real Militar onde ele ascendeu por estudos e valor, em quatro anos, do posto de soldado ao de capitão de

Artilharia. Seus conhecimentos de francês, em curso a base de obras francesas, deve ter sido de real valor para ele como aluno e monitor.

A Carta de Lei que instituiu a Academia Real Militar, por certo, foi obrigada em seu início a queimar etapas e dispensar diversas exigências. Pois são diversas as ocasiões em que se deparam exceções ao espírito da Lei. Por exemplo, a idade de ingresso era 15 anos e Abreu e Lima o fez com 18 anos, talvez com a ressalva "de obrigado a graça".

Comparação: Formação de Caxias e Abreu e Lima

Abreu e Lima frequentou a Academia Real Militar de 1812-1816 e o futuro Duque de Caxias e o maior de nossos generais, de 1818-1821. Abreu e Lima ingressou aos 18 anos como soldado de Artilharia e obrigado a graça. Saiu pouco mais de quatro anos depois como capitão de Artilharia, aos 22 anos, depois de ser furriel e 2º tenente. Caxias ingressou aos 15 anos, como cadete de Infantaria e voluntário. Saiu quatro anos depois como tenente de Infantaria, aos 19 anos, tendo passado por alferes ao final do 2º ano de curso. Na falta de outro parâmetro esta comparação parece falar alto da aplicação e distinção do curso de Abreu e Lima. Caxias galgou a posição de maior de nossos generais sem frequentar outra escola que não da Academia Real Militar.

Ambos foram influenciados pela Doutrina Militar da Revolução Francesa, particularmente

através das obras do general e Barão Cessac. Abreu e Lima teve a vantagem do conhecimento da língua francesa na Escola do Seminário de Olinda.

Indefinições no Itinerário de Abreu e Lima (1816—1817).

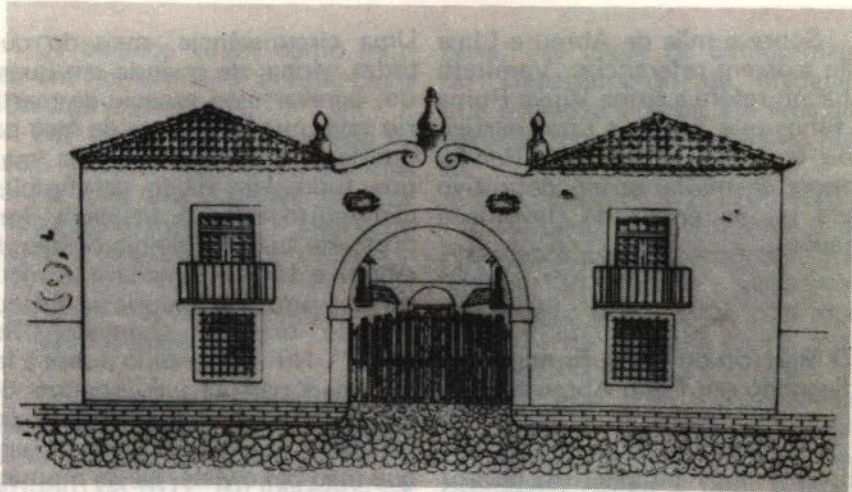
Não se dispõe de fontes firmes e seguras sobre o itinerário de Abreu e Lima, entre sua saída da Academia Real Militar e sua fuga, com apoio da Maçonaria, para os Estados Unidos em 1817.¹ Da Academia penso tenha retornado para o Recife, para o seio de sua unidade de origem — O Regimento de Artilharia, de onde saíra como soldado pouco mais de quatro anos antes. Ali teria encontrado um ambiente hostil e dividido por forte animosidade, entre oficiais brasileiros e oficiais portugueses servindo na Unidade.

Assim acreditamos que por seu temperamento Abreu e Lima tenha se envolvido num incidente com oficiais portugueses, classificado de indisciplina grave. Incidente que teria resultado seu envio preso, para a Fortaleza de São Pedro, em Salvador, "por assuada, resistência e ferimento". Ou seja, por reunir gente armada para motim, resistir a prisão e ferir os que

o prenderam. Que este fato teve repercussão muito negativa nos seus colegas capitães brasileiros do citado regimento em Recife que iriam ter papel decisivo na eclosão da Revolução nativista de 1817. Primeiro o Capitão Domingos Teotônio que estivera na Bahia em contato com os maçons, bem como no Rio de Janeiro, antes de se colocar na liderança militar do movimento nativista. Segundo o Capitão José de Barros Lima, O Leão Coroado, que ao fulminar com a espada o comandante do Regimento, marcou o início da Revolução de 1817. Julgamos que Abreu e Lima se envolveu na Revolução e era peça importante da mesma na Bahia. Pois quando seu pai se dirigiu a Bahia e foi preso em caminho com um filho menor, ia com a missão de entender-se com os maçons e visitar seu filho homônimo preso, talvez para conspirar com ele. Lamentavelmente seu pai foi preso e julgado e Abreu e Lima, como um duplo e muito penoso castigo, foi obrigado a assistir seu fuzilamento. É esta visão do martírio do seu pai pela causa da Independência do Brasil, por certo o marcou fundo para o resto da vida, o que o faz merecedor de todos os brasileiros de um profundo respeito e admiração. Impressionou-o, sobremodo, o eloquente e histórico exemplo de coragem que seu pai e mártir da Independência lhe deu ao assim proceder.

O Padre Roma, a 29 de março, véspera do domingo de Páscoa, marchou serenamente para a morte, depois de reconciliar-se com Deus. Dispensou a venda nos

¹ Pedro Calmon acaba de deparar com documento em que depois do fuzilamento do Padre Roma, Abreu e Lima foi mandado para Angola, onde sabe-se que esteve e de onde teria ido para os EUA. É necessário outras fontes para esclarecer o período em que deixou a Academia Real Militar até chegar aos EUA.



Quartel de artilharia, onde explodiu a revolução de 1817, com o assassinato do brigadeiro Manoel Joaquim Barboza. Estava situado no extremo da rua larga do Rosário, no sítio fronteiro ao atual edifício da Santa Casa. Serviu depois de quartel da Polícia e foi demolido em 1872 (Da galeria do Inst. Arqueológico).

olhos. Volvendo-se para o pelotão de fuzilamento falou, segundo Argeu Guimarães, pondo a mão sobre o coração:

“Camaradas eu vos perdôo a minha morte. Lembrai-vos que aqui é a fonte da vida! Atirai!”

Assim inscreveu-se heroicamente dentro dos maiores mártires da Independência do Brasil e na lista mais autêntica da nobreza do Brasil independente, a nobreza do martírio pela Independência da Pátria.

Abreu e Lima teve preocupação em demonstrar possuir nobreza de sangue. Se ele a possuiu não conseguiu provar. E hoje é desnecessário tentar fazê-lo, por possuir

ele, como seu pai, a nobreza do martírio e do sofrimento pela Independência do Brasil que ajudaram a conquistar como revolucionários em 1817.

Por esta razão devem não só serem considerados, como principalmente tratados como heróis da Independência do Brasil.

Decorridos seis meses do fuzilamento de seu pai Abreu e Lima conseguiu, com apoio da Maçonaria, evadir-se da Fortaleza São Pedro, em fevereiro de 1818. Segundo se conclui de Argeu Guimarães, Abreu e Lima nasceu quando seu pai ainda era padre, e que teve legitimados os filhos por breve apostólico, depois de deixar as vestes sacerdotais.

Sobre a mãe de Abreu e Lima não existem referências. Vamireth Chacon refere a firma Viúva Roma e filhos que Abreu e Lima participou com seus irmãos no Recife, depois de mudar-se em definitivo para lá, na época da Revolução Praieira.

O Martírio do Padre Roma, Segundo seu Filho Abreu e Lima

De retorno ao Brasil e decorridos 26 anos do martírio de seu pai pela causa da Independência do Brasil, Abreu e Lima assim o descreveu em seu *Compêndio de História do Brasil* -2v.

"No momento em que escrevo estas linhas, tantos anos depois, assalta-me todo o horror daquela tremenda noite. Nela fui quase companheiro da vítima. Era eu que parecia o condenado, e não ele. Vi morrer milhares de homens nos campos de batalha e muitos nos suplícios. Mas, nunca presenciei tanta coragem, tanta abnegação da vida, tanta confiança nos futuros destinos da sua pátria. Enfim tanta resignação. Era meu pai quem me animava, porque eu parecia inconsolável. Uma mão de ferro me arrancava o coração. Meu pranto e minha dor comoviam a todos que se achavam presentes. Era mister separar-me, então, para dar alívio às minhas lágrimas. E me conduziam a outra prisão, de onde eu voltava depois, a poder de minhas súplicas. Isto, até que foi forçoso me arrancarem dos braços de meu pai para sempre.

Uma circunstância, mais do que todas, vinha, de quando em quando, agravar essa espécie de martírio com que os algozes de meu pai queriam amargurá-lo ainda mais que tudo. Um moço de compleição muito débil e delicada, fora preso em sua companhia (irmão de Abreu e Lima). E achava-se metido em um dos imundos calabouços do oratório chamado "Segredo". Nu e estendido sobre a lama, mais parecia um espectro do que ser vivente. Coberto de lodo, faziam-no sair algumas vezes para que meu pai o visse. Nesse momento, terrível para seu coração de pai, parecia comovido. Beijava o meu irmão, e como para distrair-se dirigia a palavra a algum dos sacerdotes que o acompanhavam. Com toda essa prova de tremenda e brutal ferocidade, não fez desmentir, um só instante, a sua resignação como filósofo e como cristão. Chegando ao lugar de suplício, fez um pequeno discurso alusivo à sua situação, desculpando os soldados do ofício de algozes. Depois pediu-lhes que atirassem com sangue-frio para não martirizá-lo. Elevando ambas as mãos algemadas ao peito, fez dela o alvo de seus tiros.

Durante o Conselho de Julgamento protestou contra a sua competência. Defendeu-se sem culpar ninguém. E negou-se a todas as sugestões que lhe fizeram para descobrir o objeto da sua missão. No oratório ninguém lhe ouviu uma queixa contra pessoa alguma. E no lugar do suplício excedeu em longanimidade a todos quantos o precederam, na mesma desgraçada sorte.

Os baianos viram como morreu um homem livre. A lição devia ficar-lhes impressa.

Por isto julgamos que José Ignácio Ribeiro de Abreu e Lima, pai e filho são credores do reconhecimento nacional a altura do martírio que esta página traduz.

Abreu e Lima a Serviço da Gran Colômbia

Depois de um ano e um mês desde sua fuga da Bahia, Abreu e Lima chegou em La Guaira, em outubro de 1817. Ali ingressou como capitão nas forças da Gran Colômbia (Venezuela, Colômbia, Equador e Panamá) sob a liderança do General Simon Bolívar. Ao oferecer seus serviços, em carta a Bolívar, declinou sua condição de egresso da Academia Real Militar do Rio, haver sido instrutor de oficiais em Angola e ter lecionado Matemática. Oferecia seus serviços e sua disposição de sacrificar-se pela Independência da Venezuela.

Lutaram pela mesma causa, segundo Vamireth Chacon, na obra citada sobre Abreu e Lima, o irmão deste, Luiz Ignácio Ribeiro Roma, que o acompanhou desde a Bahia, Francisco Antonio Barreto, Emiliano Benício Mundrucu e o poeta José Natividade Saldanha.

Abreu e Lima ligou-se por laços de admiração e respeito recíprocos aos seguintes generais entre outros da Gran Colômbia que o comandaram e que regulavam em idade com ele:

— Simon Bolívar: Abreu e Lima ligou-se muito a Bolívar, o defendeu com sua espada e com sua

pena. Foi chefe de Estado-Maior do Departamento de Madalena que protegeu Bolívar até seus derradeiros momentos em Santa Marta.

— José Antonio Paez (1790—1873) Foi fundador da Venezuela e seu Presidente por três vezes em 1830, 1838 e 1861. Abreu e Lima ligou-se a fundo neste chefe, cuja esposa Barbarita o tratou como a um filho, esteve quase à morte em Maracay. Esteve com o General Paez em Boyacá, Carabobo, Queceras del Médio e Puerto Cabello. Paez promoveu Abreu e Lima a tenente-coronel e a coronel. A ele Abreu e Lima dirigiu, em 1869, uma carta célebre que o *Diário de Pernambuco*, do Recife, transcreveu em 20 e 21 de março de 1873.

— Carlos Soublette. Abreu e Lima foi chefe de Estado-Maior deste general depois da Batalha de Boyacá, percorrendo então o Norte e o Vale do Apure e o Oriente. Soublette foi Ministro da Guerra de Bolívar e depois presidente da Venezuela. Era um talentoso e ilustrado chefe. Abreu e Lima foi honrado em ser por ele requisitado para servir depois de Carabobo.

— Rafael Urdaneta (1789-1845) lutou pela Independência de vários países. Foi Presidente Provisório da Colômbia em 1830, cargo que ofereceu a Bolívar e este recusou. Foi ele que promoveu, a pedido de Bolívar, o brasileiro Abreu e Lima general da Gran Colômbia em 1830. Deposto com a separação da Colômbia da Gran Colômbia, foi para Venezuela onde foi senador e ministro. Faleceu em Paris quando, na Europa, negocia-

va a Independência da Venezuela. Abreu e Lima fora seu chefe de Estado-Maior no Departamento de Zulía, 1826-1827.

— Antonio José de Sucre (1795-1830). Um dos mais ilustres imediatos de Bolívar. Libertou o Equador na batalha de Pechinca, 1822 e o Peru, em Ayacucho, onde o Coronel Abreu e Lima esteve sob suas ordens. Foi Presidente da Bolívia em 1826-1828. Foi assassinado em 1830, no contexto da guerra civil que resultou na separação da Colômbia da Gran Colômbia.

— Mariano Montilla. Foi o último comandante do General Abreu e Lima no Departamento de Madalena de 1827-1831, onde este exerceu as funções de Chefe de Estado-Maior. Foi o General-de-Divisão Montilla que atestou, oficialmente, os serviços militares à Gran Colômbia prestados pelo brasileiro Abreu e Lima, como traçou o seu perfil militar.

— Francisco de Paula Santander (1792-1840). Comandou Abreu e Lima em Boyacá, condecorando-o por sua bravura na conquista da ponte do Boyacá. Recebeu desse general uma medalha de seu uso com a esmeralda de Muzo.

Na guerra civil que resultou na separação da Colômbia, Abreu e Lima brigou com Santander e ficaram em campos opostos. Santander foi duas vezes Vice-Presidente da Colômbia separada.

Primeira Missão de Abreu e Lima

A primeira missão de Abreu e Lima foi como jornalista, no *Cor-*

reio de Orinoco, Angostura, QG de Bolívar, de 13 de fevereiro de 1819-23 de março de 1822. Neste jornal defendeu a Revolução de Pernambuco de 1817, na qual seu pai foi martirizado e se contrapôs ao julgamento feito destemovimento nativista, por Hipólito da Costa. Noutro número investiu contra o que classificou de três jugos: a monarquia absoluta, o fanatismo religioso e os privilégios feudais.

Itinerário Militar de Abreu e Lima

Abreu e Lima acompanhou Bolívar em 1819, desde seu QG em Angostura (Ciudad Bolívar) no rio Orinoco, através de épica e sofrida travessia dos Andes para um encontro decisivo com os espanhóis. Isto depois de haver conquistado o apoio dos Ihaneros, cavaleiros do Orinoco, sob a liderança do General José Antonio Páez, que até então apoiavam os espanhóis. Aí teria início a grande amizade de Abreu e Lima com o General Páez. Abreu e Lima teve seu batismo de fogo em Topaga, contra tropas de elite, adestradas por oficiais ingleses de Wellington. Depois de Topaga lutou em Molinos, ambos combates em torno do Pântano de Vargas.

Em 7 de agosto de 1819 tomou parte na Batalha de Boyacá que abriu o caminho para Bogotá e assegurou a Independência da Colômbia, por varrer os espanhóis do Planalto Central da Colômbia e do Vale do Magdalena.

Atua na Conquista da Ponte de Boyacá

Abreu e Lima, integrando a vanguarda ao comando de Santander, tomou parte onde a luta foi mais acesa, pela posse da ponte de Boyacá, tendo-a atravessado com os Guias de Mujica. Foi condecorado por esta participação por Santander. Libertada Bogotá, Abreu e Lima acompanhou a Divisão de Soublete para o Norte, na qualidade de seu Chefe de Estado-Maior. Lutou em Cucuta, onde segundo diz, salvou a Divisão que se embriagara. Do Norte da Colômbia veio para o vale do Apure e de lá para o Oriente. Ali foi abandonado moribundo e retornou mais morto que vivo para Angostura. Restabelecido, se dirigiu ao rio Apure para servir como Ajudante-de-Campo do General Paez, ao qual tomara-se de grande amizade e batia-se por ele como se fora o seu pai. Paez acolhera Abreu e Lima como se fora um filho, salvo da morte em Maracay por sua esposa Barbarita. Com o Exército de Bolívar e como Ajudante-de-Campo da 1ª Divisão ao Comando de Paez, Abreu e Lima seguiu na direção de Caracas, em 3 de abril de 1819. Assistiu de uma colina a batalha de Queseras del Medio, na qual seu líder, o General Paez, com sua Cavalaria Ihanera, mediante um ardil, obteve retumbante vitória sobre o general espanhol Torriolo.

A Abreu e Lima coube redigir como Ajudante-de-Campo a Parte de Combate, onde assinalou:

“O General Paez e seus bravos companheiros se ham exedido a-si mesmos, haciendo mucho mas de lo que justamente dibia esperarse de su valor yjde su intrepidez.”

Prosseguindo, teve lugar a Batalha de Carabobo, de 24 de junho de 1821. Nela coube a 1ª Divisão de Paez, e atual 1ª Divisão de Infantaria em Maracaibo — Estado de Zulia, na Venezuela, decisivo papel que tivemos oportunidade de estudar em 1979, talvez pela primeira vez na Cadeira de História da AMAN à luz dos Princípios de Guerra e de Manobra e Elementos, junto com a de Boyacá (anexas). Nela o Tenente-Coronel Abreu e Lima, Ajudante-de-Campo da 1ª Divisão Paez, foi ferido entre outros tantos bravos, por combater no ponto focal e decisivo da batalha. Inclui-se de lança em punho, como um simples Ihanero, dentre os 100 que decidiram a batalha. Nesta batalha comparada à de Yorktown, foi destruído o único Exército com o qual a Espanha podia manter o seu poder. A Venezuela teve assim consolidada sua Independência, como República.

Após a vitória de Carabobo, Abreu e Lima participou do encontro vitorioso de Sabana de La Guardia, último obstáculo e conquista de Porto Cabello que será o maior momento de sua carreira militar.

Herói de Porto Cabello

Coube-lhe como Ajudante-de-Campo da 1ª Divisão de Paez comandar uma das duas colunas so-

bre o Porto Cabello — o último reduto espanhol no Caribe.

Ali Abreu e Lima atuou como artilheiro, ao organizar e dirigir barragem de Artilharia sobre a cidade, causando danos consideráveis no casario.

Foi além, o redator dos boletins de combate. Dois em 28 de abril 1822. Um descrevendo a reunião dos navios de guerra para o bloqueio e o segundo o início do combate noturno. No terceiro, em 3 de maio, anunciou a junção das duas colunas, uma sobre seu Comando que irrompeu pelo Puerta de la Estacada, o único acesso da tropa espanhola que executava a cobertura externa da estacada que envolvia Puerto Cabello.

Por sua bravura, em Puerto Cabello, o brasileiro Abreu e Lima permaneceu na memória local por muitos anos, conforme assinalaria em 1883 o futuro Barão de Japurá, como embaixador do Brasil na área em foco.

Em 22 de janeiro de 1824, o General Paez promoveria Abreu e Lima, por competência e bravura, a coronel, aos 30 anos, depois de certa ocasião o haver chamado de guapo ou bravo — o maior elogio que podia partir de Paez.

Neste posto ele tomaria parte na Batalha de Ayacucho, de 12 de fevereiro de 1824, integrando as forças enviadas por Bolívar, ao Comando de Antonio José Sucre. Antes Abreu e Lima fora encarregado de conduzir ao Peru reforços militares, via marítima.

Prenúncios da Guerra Civil

Abreu e Lima, ingênuo, foi colhido pelos primeiros ventos da guerra civil. Foi provocado pelo jornalista adverso Antonio Leocádio Gusman do jornal *El Argos*. Este insinuou que Abreu e Lima era mercenário, incompetente como militar e que não merecia confiança de Bolívar, em razão de ligar-se a sua sobrinha Benigna. Fez colocações maldosas contra o Brasil em favor da Argentina, na guerra Cisplatina (1825-28), que ambos sustentavam e outra série de colocações negativas que comprometiam a imagem de Abreu e Lima conforme se conclui de Pedro Calmon na *História de D. Pedro II*. Abreu e Lima "estopim curto", na noite de 9 de setembro de 1825, encontrou o jornalista Gusman na rua e desferiu-lhe golpes de sabre no rosto, o que o obrigou a usar barba pelo resto da vida. Em consequência, sofreu violentos e injustos ataques. Foi submetido a Conselho de Guerra. Houve insinuações que havia sido mandado por Bolívar assassinar Gusman. Existiam em Bogotá desconfianças contra oficiais estrangeiros. Além disso Abreu e Lima capitalizou as desconfianças que ali existiam contra o Imperador do Brasil. Em 11 de setembro de 1825, defendeu-se Abreu e Lima no Conselho de Generais. Mas em vão. Foi condenado, em 8 de outubro de 1825, a seis meses de pena que cumpriu recluso no deserto de Bajo Seco, entre o Lago Maracaibo e os Andes, no Departamento de Zulia, tendo inclusive se retirado

do serviço ativo por petição de 8 de novembro de 1826. Abreu e Lima passou maus momentos de solidão e com a opinião pública em geral voltada contra ele, Gusman chegou ao ponto de ir até o quartel de Abreu e Lima e exigir que seu comandante o executasse à morte. Gusman seria mais tarde Ministro do Interior dos que obrigaram Bolívar, mesmo à morte, a exilar-se. Era pois um inimigo poderoso e Abreu e Lima caiu como um anjo em sua armadilha.

A Guerra Civil

Em 1827 Abreu e Lima foi requisitado para chefiar o Estado-Maior do Departamento da Zulia, ao Comando de Urdaneta. Serviu de intermediário parlamentar entre Urdaneta, no Zulia, e Santander, em Bogotá, visando a aplacar divergências entre ambos. Nesta ocasião rompeu com Santander. Em 1827 ainda, foi para Bogotá junto com Urdaneta, a pedido de Bolívar. Assumiu a chefia do Estado-Maior do Departamento de Magdalena, onde permaneceu até 1831.

Retornando do Peru, Bolívar requisitou os serviços de Abreu e Lima para fornecer subsídios ao Abade de Pradt, na Europa, para este defendê-lo de graves acusações que Benjamin Constant lhe assacara (não o brasileiro).

Abreu e Lima escreveu em 1828-30 farto material publicado em jornais e panfletos sob o título *Resumen histórico de la última dictadura del Libertador Simon Bolívar, comprobada por docu-*

mentos. Nele Abreu e Lima, com apoio em documento que Bolívar lhe facilitou de seu arquivo, respondeu minuciosamente aos ataques de Benjamin Constant.

Este material foi publicado, em 1922, pelo Governo da Venezuela, como homenagem à Independência do Brasil.

Este trabalho foi decisivo para a promoção do brasileiro Abreu e Lima a general-de-brigada do Exército da Colômbia, assinada pelo Presidente Urdaneta, por indicação de Bolívar.

A pressão sob Bolívar aumentou. Houve um atentado contra sua vida. Sucre foi morto numa emboscada. Bolívar doente, com os últimos que se mantiveram fiéis a ele, retirou-se pelo vale do Magdalena, para Bogotá e dali para o litoral visando o exílio.

Abreu e Lima como general continuou na chefia do Estado-Maior do Departamento de Magdalena, por onde tinha lugar a retirada de Bolívar, departamento sobre o comando do general Montilla.

Fazia parte da tropa de proteção a Bolívar que terminou falecendo, em 17 de dezembro de 1830, em Santa Marta.

Comandante da Brigada Pacificadora do Rio Hacha

Decorrido uma semana da morte de Bolívar, o General Abreu e Lima reuniu e assumiu o Comando da Brigada Pacificadora del Hacha, composta de Infantaria e Cavalaria de elite dos batalhões do Apure e Yaguachi e Esquadrão de Hussards da Magdalena. Lançou

proclamação solidarizando-se com o General Rafael Urdaneta, Presidente da República, sob forte pressão dos colombianos. Em sua proclamação, apoiada por toda a sua tropa, após afirmar que o Libertador Simon Bolívar havia sucumbido à calamidades públicas, todos reafirmaram os seguintes objetivos: defender a Integridade Nacional; obedecer e respeitar o Presidente Urdaneta, penhor dessa Integridade; respeitar a autoridades de Madalena; defender até a morte o santuário das cinzas do Libertador; convocar a solidariedade de todos os militares, para salvar a Colômbia das guerras da anarquia e da guerra civil. Mas a guerra civil veio e Abreu e Lima deu combate a rebeldes nas províncias do rio Hacha e Santa Marta, vencendo-os, inclusive ao chefe Coagiro.

Fé de Ofício do General Brasileiro de Bolívar

Quatro meses da morte de Simon Bolívar, o General Mariano Montilla, Comandante de Abreu e Lima no Departamento de Madalena, firmou a honrosa certidão dos serviços militares prestados pelo brasileiro Abreu e Lima à Independência da Gran Colômbia, de 1818-1831, de capitão a general. Em linguagem atual ele atesta o seguinte, com complementos interpretativos do autor entre parênteses.

"Participou de várias campanhas da Independência, com honra e distinção, sendo ferido em Cara-

bobo. Por esta razão obteve a confiança dos primeiros generais da República (Bolívar, Paez, Soublete, Urdaneta, Sucre), e em especial de S. Exa. o Libertador Simon Bolívar. Tomou parte em quase todas as principais batalhas (Boyacá, Carabobo, Porto Cabello e Ayacucho) desde 1818 até a inteira liberdade de Gran Colômbia (Colômbia, Venezuela, Panamá e Equador atuais). Por sua conduta sempre plena de valor e intrepidez, galgou, sucessivamente, até o posto de general-de-brigada que atualmente exerce. Obteve várias medalhas e distinções (medalha de Boyacá, Carabobo, Porto Cabello e Libertador da Venezuela). Que esteve sempre no Exército onde obteve comissões importantes e serviu ao lado dos primeiros e mais distinguidos chefes (Bolívar, Paez, Soublete, Urdaneta, Sucre e Santander). Desempenhou comissões muito importantes dentro e fora da Gran Colômbia (missões no Peru e Estados Unidos). Em todas portou-se com honradez sem limites e desinteresse inimitável. Nos vários comandos que exerceu, se conduziu com cordura e prudência. Comandando ou obedecendo, foi exemplo de subordinação e ordem e de conduta inatacável. Comandou em 1824 a Esquadra de Divisão enviada da Venezuela em auxílio ao Peru (atuou em Ayacucho). É benemérito em grau heróico e eminente da Pátria (Gran-Colômbia). Em todos os acontecimentos políticos Abreu e Lima mostrou firmeza e caráter, e sobretudo lealdade e bondade a toda prova.

Nos três anos e meio que serve sob minhas ordens neste Departamento de Madalena, desempenhou graves e delicadas comissões. Ele foi o chefe que, por sua moderação e sagacidade, pacificou as províncias do rio Hacha e de Santa Marta, depois de bater os grupos rebeldes em diversos encontros. Sua conduta foi sempre plena de valores e entusiasmo pela República da Gran Colômbia e pelos serviços e pautada por lealdade, firmeza e honradez. Foi um dos chefes militares que mais mereceram em todas as épocas a minha particular confiança, amizade e estima, bem como a do Governo.

A certidão firmada pelo próprio General Montilla, em Cartagena, em 24 de abril de 1831, honra a Abreu e Lima, a Academia Real Militar do Brasil onde estudou e o Brasil, principalmente por estas adjetivações: Valor e intrepidez, honradez sem limites, desinteresse inimitável, exemplo de subordinação, ordem e de conduta inatacável, firmeza de caráter, lealdade e bondade a toda prova, cordura e prudência.

Retorno ao Brasil

Abreu e Lima com a vitória das forças que combatiam Bolívar e se sagraram vitoriosas na separação da Colômbia, sofreria como outros próceres as naturais represálias. Estas consistentes em prisões, expulsões ou convites para deixarem a Colômbia sob o falso estigma de "desafeitos ao sistema constitucional e suspeitosos à causa pública".

Abreu e Lima foi expulso da Colômbia junto com os últimos fiéis a Bolívar até o fim, por Decreto de 9 de agosto de 1831, do novo Ministro da Guerra, General José Maria Obando (1795-1861). Este com a deposição de Urdaneta da Presidência, presidiu a Colômbia 5 meses em 1831, sendo eleito mais tarde Presidente. Obando morreu em combate, em 1861, quando tentava derrubar a Confederação Granadina.

Abreu e Lima retornou ao Brasil, depois de uma breve estada na Europa onde esteve com D. Pedro I. Aqui passou a lutar pelo retorno de D. Pedro ou de sua irmã como regente, pelo jornal *O Raio de Júpiter*. O governo reconheceu estar ele na plenitude de seus direitos de brasileiro e título de general e medalhas ganhas na Independência da Venezuela, Colômbia e Peru.

Em 1840, decidida a maioria, usou pela última vez seu uniforme de general de Bolívar ao visitar o Imperador D. Pedro II.

Depois enterrou o militar e dedicou-se, até morrer, ao ofício de escritor (jornalista, filósofo, historiador), atividades amplamente abordadas por Vamireth Chacon em sua obra específica e por Barbosa Lima Sobrinho em *A Defesa Nacional* de 1965 e por José Honório em *Teoria da História do Brasil* e em *História e Historiadores do Brasil*.

Neste contexto chegou a ser condenado à pena perpétua, logo comutada, por acusação de envolvimento na Revolução Praieira, em Pernambuco.

Em 15 de agosto de 1948, através do jornal *A Barca de São Pedro*, no Recife, escreveu sobre um "Estado-Maior de um Exército", artigo a merecer uma análise específica quando localizado.

Opinião de Abreu e Lima Sobre a Guerra do Paraguai

Ao escrever ao General Paez em 18 de setembro de 1868, Abreu e Lima retomou os assuntos militares. Evocou sua atuação militar na Gran Colômbia e terminou por fazer as seguintes considerações ao seu comandante em Carabobo: "General Paez, saiba que os brasileiros são tão bons soldados e tão valentes como os venezuelanos. E mais, que a Cavalaria do Rio Grande não é inferior à de Agüera."

Sobre a Guerra do Paraguai em curso e no seu terceiro ano referiu ao General Paez: "Se V. conhecesse as nossas cidades, o nosso comércio, a nossa riqueza territorial, a nossa população, se espantaria de ver que semelhante povo gastaria três anos em uma guerra que teria durado quando muito seis meses, se tivéssemos um bom general ou um almirante sequer".

Mal sabia Abreu e Lima que este grande general, egresso como ele cinco anos mais tarde da Academia Real Militar, estava justamente aparecendo com duas manobras consagradoras de seu gênio militar na História Militar Mundial.

Era o Marquês de Caxias que havia flanqueado Humaitá por terra e água e feito cair pela manobra o principal objetivo militar da guerra — A Fortaleza de Humaitá,

a Sebastopol Americana, utilizando, para reconhecimentos, balões operados pelos irmãos Allen, veteranos do Exército do Norte na Guerra de Secessão nos EUA, conforme revelou-nos o historiador de nossa Força Aérea — Brigadeiro Nelson Lavanère Wanderley.

E mais, que tinha iniciado na época da carta de Abreu e Lima a Paez, a preparar a célebre Manobra de Piquiciri, que tornou possível envolver aquela posição fortificada através de Estrada Estratégica, construída sobre o Chaco, pelos Corpos de Pontoneiros e de Engenheiros do Exército, sob inspiração do general baiano Argolo Ferrão.

Estrada que permitiu ao Marquês de Caxias desembarcar na retaguarda profunda do Exército adversário, em São Fernando, entre Assunção e o Grosso do Exército Adversário. Ação memorável que permitiu ao Marquês de Caxias na série de batalhas de Dezembro — a Dezembrada de 1868, destruir a capacidade estratégica do General Solano Lopes e abrir caminho para a conquista do objetivo político da guerra — a capital Assunção.

Manobra que consagrou Caxias na galeria dos grandes generais e onde ele correu o risco calculado, ao arriscar o princípio de guerra da segurança, por marchar com o Exército pela região inundável, do Chaco, em benefício do princípio de guerra da surpresa. Esta obtida com o desembarque em Santo Antônio e ao nível estratégico, condição rara na História Militar da Humanidade.

Explicação da Duração Prolongada da Guerra

A duração da guerra já há três anos, segundo Abreu e Lima, tem a seguinte explicação:

O Brasil teve de enfrentar uma enorme distância de apoio logístico, desde o Rio de Janeiro até o Passo da Pátria. O cordão umbilical Rio-Exército em Campanha, foi assegurado por nossa Marinha de Guerra, através de quilômetros de mar e rios.

Ela Foi sem dúvida um grande general adversário. Ele foi enfrentado pelos russos na guerra Russo-Japonesa de 1904 e pelos ingleses na guerra dos Boers — 1895. E, em data recente, ainda pelos ingleses na guerra das Malvinas, onde tiveram que montar verdadeiras bases logísticas flutuantes.

O Teatro de Guerra desenvolveu-se ao longo do rio Paraguai dominado por fortificações fluviais do porte e valor defensivo de Curuzu, Curupaiti e Humaitá. Fortalezas erigidas sobre a margem esquerda cheia de obstáculos naturais e desconhecidos do Exército aliado, que não dispunha de cartas, esboços e informações sobre o terreno. Informações que eram obtidas em desgastantes reconhecimento de Cavalaria a viva força, numa extensa planície, sem domínios.

Assim, escrevi certa feita que o Brasil enfrentou os seguintes generais adversários:

Distância de Apoio Logístico, o general Terreno, desconhecido e difícil por natureza e agravado por fortificações. E mais os generais

Tifo e Cólera que ceifaram milhares de vidas brasileiras e aliadas. E os chefes e soldados paraguaios valerosos souberam tirar o melhor partido dessas circunstâncias adversas aos aliados.

CONCLUSÃO

Abreu e Lima ingressou como soldado de Artilharia, na Academia Real Militar, com 18 anos, dela se desligando como capitão de Artilharia em 1816. Seu pai, fuzilado na Bahia, à sua frente, é mártir da Independência do Brasil, ao nível de Tiradentes. Abreu e Lima merece, pelo martírio do pai, pela Independência e sua participação e sofrimento naquele movimento nativista, o respeito de todos os brasileiros. A serviço da Gran Colômbia honrou como soldado o curso que tirou na Academia Real Militar, que colocou a serviço da Independência de Nações Irmãs como atesta a lisonjeira Fé de Ofício passada por seu último comandante, o General Montilla. Ele desfrutou da consideração, respeito e amizade de Simón Bolívar e de seus mais destacados generais. Lutou na Gran Colômbia não pela República, mas pela Independência. Pois conservou-se monarquista constitucional, com sistema capaz de manter a Unidade do Brasil como a história o provou. General de Bolívar, teve este título e condecorações recebidas reconhecidas pelo Brasil. Foi um liberal clássico e um socialista utópico, com nenhuma conotação com o Socialismo Europeu e o Comunismo, co-

mo pretendem alguns que o tem explorado indevidamente sob estes aspectos. Foi escritor e jornalista de vocação e soldado de contingência, pensador político fecundo, patriota acendrado. Lutou e sofreu como poucos em defesa da Liberdade de Consciência. Sofreu até depois da morte, em razão de seus restos mortais serem recusados em cemitério público pelo bispo D. Cardoso Ayres. Apesar de protestos populares, a negativa consumou-se. Católico ecumênico e maçom grau 33, não teve a sorte do Visconde de Inhaúma, Joaquim José Ignácio, cujo veto de sepultamento em cemitério público por D. Pedro Maria Lacerda — Bispo no Rio de Janeiro, foi derrubado a força de sua condição de Vice-Almirante da Marinha Imperial do Brasil, de grande herói da guerra do Paraguai, como comandante em chefe das Forças Navais Brasileiras na guerra do Paraguai e depois Chefe do Estado-Maior da Armada e Ministro da Marinha.

Abreu e Lima desde 1937 é patrono da cadeira 35 do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, ao lado do Duque de Caxias, cadeira 58 e do Visconde de Inhaúma — cadeira 77. Leva seu nome instituição cultural da Venezuela.

Ele está a merecer um julgamento sereno no Tribunal da História do Brasil e a consagração merecida depois de tanto silêncio em torno de sua vida e obra. Silêncio em parte pela exploração indevida de seu nome por comunistas que, assim procedendo, vêm rezando em vão, em sepultura indevida, e

de longa data, particularmente no Recife; por verem em Abreu e Lima o que ele não foi e o que eles desejariam que fosse.

Um meio de reparar a incompreensão e confusão em torno da real projeção de sua vida e obra na Colômbia, Venezuela e Brasil seria transformá-las numa co-produção cinematográfica. Obra que consagraria seu pai como mártir da Independência do Brasil na revolução nativista precursora de Pernambuco de 1817.

E a vida aventureira de Abreu e Lima se presta a um filme. Possui todos os ingredientes para tornar-se um sucesso na América do Sul. E mais do que isto, um elo de compreensão e maior aproximação entre o Brasil e o restante da América do Sul, como prova que tudo daqui para a frente deve nos unir e nada nos separar no grande objetivo de construir um grande futuro para a América do Sul, que está demorando a chegar por falta de uma maior unidade de esforços entre seus países.

FONTES

A presente análise baseia-se nas seguintes fontes:

1. AMAN — *Carta de Lei Criação da Academia Real Militar — 1810*. Rio Imp. Ex. 1961 (Currículos, obra e autores indicados).
2. AMAN — *História Militar da América do Sul*. Resende, Graf. Acadêmica, 1980 (Batalhas de Boyacá, Carabobo e Ayacucho de libertação da Colômbia, Venezuela e Peru, que Abreu e Lima lutou como ten-cel e cel).
3. ARQUIVO NACIONAL — Requerimento de José Ignácio de Abreu e Lima —

- Cap em maio de 1816 — Armário 2, maço 59, nº de ordem 1477.
4. BENTO, Cláudio Moreira, cel — Fontes da Cultura em Arte da Guerra do Duque de Caxias. *Revista do Exército Brasileiro* — jul./set., 1983, pp. 4-11 (Focaliza curso de Caxias na Academia Real Militar).
 5. BENTO, Cláudio Moreira — Discurso de posse no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro — História da Academia Militar das Agulhas Negras, 1975. *RUHGB*, nº 336, jul./set., 1982, pp. 169-194.
 6. CALMON, Pedro — *História de D. Pedro II*. Rio, José Olímpio, 1975, t. 1, p. 162 (Incidente Abreu e Lima-Gusmán).
 7. CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO EXÉRCITO — Visconde de Inhaúma *In: O Verde Oliva*, Brasília, jul. 84, nº 100, p.2.
 8. CHÂCON, Vamireth — *Abreu e Lima — general de Bolívar*. Rio, Paz e Terra, 1983 (Fonte básica relativa a projeção histórica de Abreu e Lima e seu itinerário militar na Grã-Colômbia).
 9. COSTA, F.A. Pereira — José Ignácio Abreu e Lima *In: Dicionário Biográfico de pernambucanos célebres*. Recife, Tip. Universal, 1982, pp. 566-567.
 10. ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO — *História do Exército Brasileiro — Perfil Militar de um povo*. Rio Sergraf, 1972, v. 2 (Revolução Pernambucana 1817).
 11. FAGUNDES, Marivalde Calvet, gen — *Maçonaria e as forças secretas da Revolução*. Rio, 1984, 2ª ed.
 12. GUIMARAES, Argeu — *Um brasileiro na epopéia bolivariana*. Recife, Imp. Graf., Ed. 1920.
 13. INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. ARQUIVO — Carta de 4/10/1978, do ten-cel Claudio Moreira Bento, de Resende-RJ, oferecendo seu trabalho sobre as batalhas de Carabobo e Boyacá, de independência da Venezuela e Colômbia, Lata 718. Pasta 3 (Análise militar à luz/Princípios de Guerra e da Manobra e seus elementos. Nelas lutou o brasileiro ten-cel José Ignácio Abreu e Lima).
 14. LIMA, Oliveira — Anotações *in: História da Revolução Pernambucana/1817*. Recife, Imp. Industrial (3ª Edição Comemorativa Centenária Revolução).
 15. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA — Emancipação política da América do Sul *in: Atlas Histórico Escolar*. Rio, Bibliex, 1979. Pub. 410 (Coleção Benício, v. 85, p. 55).
 16. MUSEU DA ESCOLA FEDERAL DE ENGENHARIA. UFRJ — Livros de frequência, matrículas, registros e avisos da Academia Real Militar 1811, com dados sobre Abreu e Lima.
 17. PONDÉ, Francisco de Paula A., gen — Academia Real Militar *in: Anais do Congresso de História da Independência do Brasil*. Rio, Imp. Nac. 1975, v. 4 (Editada pelo IHGB. Livros de matrícula, frequência e avisos e ordens da Academia a que refere, os relocalizei no Museu da Escola Federal de Engenharia).
 18. REPÚBLICA DA VENEZUELA — PRE-SIDÊNCIA — *Carabobo geração de Heróis*. Caracas, 1971.
 19. RODRIGUES, José Honório — *Teoria da História do Brasil*. São Paulo, Prog. Edit., 1949 e *História e Historiadores do Brasil*. Ed. Fulgor, 1965.
 20. SOBRINHO, Barbosa Lima — Abreu e Lima general do Bolívar. *A Defesa Nacional*, 1965 (Estuda Abreu e Lima como escritor, jornalista e historiador).
- Colaboraram na presente pesquisa: Tenentes Raimundo Umbelino de Lima, Roberto Cardoso e sargento Almir dos Santos Monsores, do Comando da 1ª RM; D. Elza Freitas, do Museu da Escola de Engenharia, e funcionários José Gabriel, Jaime, Eliseu, Mirtes e Celina do Arquivo Nacional.

ANEXO 1

A BATALHA DE BOYACÁ DE 7 DE AGOSTO DE 1819 NA QUAL ABREU E LIMA LUTOU

SITUAÇÃO GERAL

Simon Bolívar em seu QG em Angostura (Ciudad Bolívar) no baixo Orinoco, partiu para travessia dos Andes à procura de um encontro decisivo com os realistas (espanhóis). Isto, depois de:

- receber do Congresso poderes militares plenos;
- conquistar o apoio dos "llaneros" (cavaleiros que habitavam as planícies

do Orinoco e que vinham apoiando os realistas) e ser reforçado por veteranos ingleses e irlandeses das guerras napoleônicas que constituíam a Legião Britânica (120 homens).

SITUAÇÃO PARTICULAR

Após sofrida e épica marcha e escalada dos Andes, Bolívar procurou atrair o Exército Realista sobre si, isolá-lo em Bogotá e destruí-lo. Assim o atraiu na direção de Paipa, onde se encontrava. A seguir contramarchou, a noite, atravessou o rio Sogamoso. Na manhã de 5 de agosto conquistou Tunja, aprisionou sua guarnição e se apossou de 600 fuzis, além de ameaçar cortar a retirada do Exército Realista para Bogotá. Para evitar isso o Exército Realista contramarchou para o Sul. Ao realizar este movimento foi interceptado por Bolívar próximo a ponte sobre o rio Boyacá onde teria lugar a batalha do mesmo nome, em 7 de agosto de 1819.

A BATALHA (ESBOÇO ANEXO) – TOMADA DE DISPOSITIVO

O Exército Realista ao comando do Gen Barreiro julgando que Bolívar não o impediria de atravessar o rio Boyacá, decidiu descansar ao norte desse rio, após cobrir-se face a direção de Tunja com sua Vanguarda.

Informado da situação do Gen Barreiro, Bolívar decidiu atacá-lo, interpor-se entre ele e Bogotá e a seguir destruir o seu Exército. A Batalha teve início com um choque da Vanguarda de Bolívar, ao comando de Santander, nas alturas de Casa de Telha. Santander atacou com ímpeto e desbordou os flancos da Vanguarda Realista, isolando-a do grosso ao penetrar no espaço entre ambos. A seguir pressionou-a para o Sul, obrigando-a a atravessar a ponte do Bóyacá, onde tomou posição na margem do Sul.

Enquanto isto se passava, a Retaguarda de Bolívar, ao comando de Anzoategui atuou sobre o grosso de Barreiro que começou a deslocar-se na direção da ponte de Boyacá. Pressionado por Anzoategui, Barreiro abandonou o caminho e ocupou o seguinte dispositivo em alturas paralelas ao mesmo.

- Ala esquerda — 2º Btl del Rey — Inf
- Centro — 1º Btl del Rey — Int e Art
- Ala direita — Btl de Caçadores — Inf

- Deixou em reserva 2 Esqd de Dragões — Cav
- O Gen Anzoategui adotou o seguinte dispositivo para investir o grosso realista:
 - Ala esquerda — Btl Rifles e Legião Britânica — 500 homens — Inf
 - Centro — Btl Barcelona — 300 homens — Inf e Lanceiros — 300 H Cav
 - Ala direita — Btl Bravos de Paez — 300 H
 - Reserva — Eixada para atuar na ala esquerda realista:
 - 1º Escalão — Dragões — 80 H — Cav
 - 2º Escalão — Colunas de Tunja e Socorro — 800 H
- Destinou os guias de Apure para manter a ligação entre a vanguarda de Santander o grosso a seu comando. O tenente-coronel brasileiro Abreu e Lima integrou a Vanguarda de Santander que lutou e isolou a Vanguarda Realista do grosso e a pressionou além da ponte de Boyacá.

DESFECHO DA BATALHA

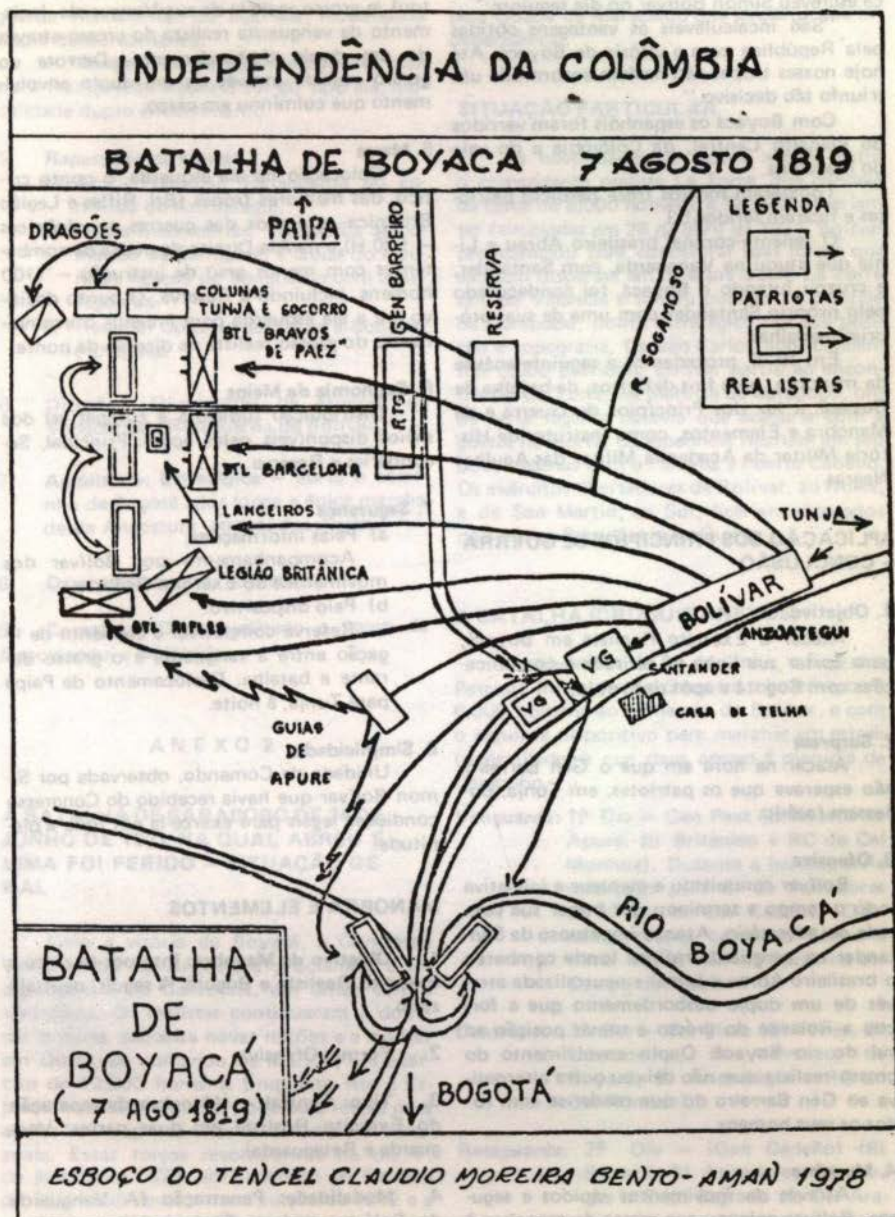
Sob a liderança de Anzoategui teve início a manobra sobre o grosso realista. No centro, o Btl Barcelon fixou o centro realista no que foi coadjuvado pelos lanceiros que atuaram contra a Artilharia que dificultava a progressão do centro. A ala esquerda já havia avançado o suficiente para interpor-se entre o grosso realista e a ponte do Boyacá. Fixada a direita e o centro realista, a ala direita patriota forte de 1100h após reforçada pela reserva, completou a ação sobre a ala esquerda realista.

Após muita resistência Anzoategui conseguiu concretizar a ação sobre o Gen Barreiro.

Este cercado pelas elevações à sua retaguarda e patriotas na frente e flancos, foi obrigado a render-se junto com 1600 homens.

Santander, após várias tentativas, conseguiu atravessar o Boyacá, bater a vanguarda realista e perseguir seus remanescentes com dois batalhões e dois esquadrões de Cavalaria, tropa que o brasileiro Abreu e Lima integrava. Com a derrota e rendição do Exército Realista que operava na região, foi aberto o caminho para Bogotá, onde Bolívar entrou triunfalmente após o Vice-Rei haver fugido para Cartagena.

A vitória de Boyacá criou condições para a Declaração da Independência da Colômbia



e prosseguimento da libertação sul-americana do jugo espanhol com maior intensidade.

Sobre a importância da vitória em Boyacá escreveu Simon Bolívar no dia seguinte:

"São incalculáveis as vantagens obtidas pela República com a vitória de Boyacá. Até hoje nossas tropas não haviam encontrado um triunfo tão decisivo."

Com Boyacá os espanhóis foram varridos do Planalto Central, da Colômbia e do vale do Magdalena.

Tombaram mortos treze heróicos patriotas e ficaram feridos 53.

O tenente-coronel brasileiro Abreu e Lima que atuou na Vanguarda, com Santander, e cruzou lutando o Boyacá, foi condecorado pelo próprio Santander com uma de suas próprias medalhas.

Em 1978, procedemos a seguinte análise da manobra, para fins didáticos, da batalha de Boyacá, à luz dos Princípios de Guerra e da Manobra e Elementos, como instrutor de História Militar da Academia Militar das Agulhas Negras.

APLICAÇÃO DOS PRINCÍPIOS DE GUERRA — CONCLUSÃO

1. Objetivo

Atacar o Exército Realista em Boyacá, para cortar sua linha de retirada e comunicações com Bogotá e após destruí-lo.

2. Surpresa

Atacar na hora em que o Gen Barreiro não esperava que os patriotas, em Tunja, pudessem fazê-lo.

3. Ofensiva

Bolívar conquistou e manteve a iniciativa todo o tempo e terminou por impor sua vontade ao adversário. Ataque impetuoso de Santander na vanguarda realista (onde combateu o brasileiro Abreu e Lima) e neutralizada através de um duplo desbordamento que a forçou a isolar-se do grosso e tomar posição ao sul do rio Boyacá. Duplo envolvimento do grosso realista que não deixou outra alternativa ao Gen Barreiro do que render-se com todos os seus homens.

4. Manobra

Através de movimentos rápidos e seguros, Bolívar colocou sua massa de manobra à

retaguarda dos realistas, ameaçando sua linha de retirada para Bogotá. Na Batalha, ao dividir com sua Vanguarda (onde Abreu e Lima lutou), o grosso realista de sua Vanguarda. Isolamento da vanguarda realista do grosso através de um duplo desbordamento. Derrota do grosso realista através de um duplo envolvimento que culminou em cerco.

5. Massa

Colocação na ala esquerda, o ponto crítico, das melhores tropas (Btl, Rifles e Legião Britânica veteranos das guerras napoleônicas — 520 H) e na Ala Direita da massa de combatentes com menos grau de instrução — 1100 homens, incluindo a Reserva. O ponto decisivo era a ala esquerda para impedir o irrompimento do grosso realista na direção da ponte.

6. Economia de Meios

Distribuição judiciosa e compatível dos meios disponíveis pelas ações: Principal, Secundárias e Reserva.

7. Segurança

a) Pelas informações:

Acompanhamento por Bolívar dos movimentos do Exército Realista.

b) Pelo dispositivo:

Reserva compatível e elemento de ligação entre a vanguarda e o grosso durante a batalha. Deslocamento de Paipa para Tunja, à noite.

8. Simplicidade

Unidade de Comando, observada por Simon Bolívar que havia recebido do Congresso condições legais para exercê-la em toda a plenitude.

MANOBRA E ELEMENTOS

1. **Objetivo da Manobra:** Interpor-se entre o Exército Realista e Bogotá. A seguir, neutralizá-lo.

2. **Forma:** Ofensiva.

3. **Tipo:** Central — (Manobra de separação do Exército Realista em duas partes: Vanguarda e Retaguarda).

4. **Modalidade:** Penetração (A Vanguarda de Bolívar, onde o General Abreu e Lima

atuou, penetrou no espaço entre a Vanguarda e o grosso realista separando-os).

A Manobra de Santander contra a Vanguarda Realista foi do tipo ala, modalidade duplo desbordamento.

A Manobra da Retaguarda patriota contra a Retaguarda Realista foi do tipo ala, modalidade duplo envolvimento.

5. **Repartição de Meios:**

- a) Ação Principal: Retaguarda ao comando de Anzoategui.
- b) Ações Secundárias: Vanguarda ao comando de Santander e Guias do Apure na ligação da Vanguarda com a Retaguarda.
- c) Reserva: Colunas de Tunja e Socorro e Dragões.

6. **Direções:** Divergentes de atuação da Vanguarda e Retaguarda de Bolívar.

7. **Amplitude:** Estratégica — abriu o caminho de Bogotá após longa e épica marcha desde Angostura, através dos Andes.

8. **Desencadeamento:** Sucessivo.

9. **Comando:** Descentralizado a cargo de Anzoategui e Santander.

ANEXO 2

A BATALHA DE CARABOBO DE 24 DE JUNHO DE 1821 NA QUAL ABREU E LIMA FOI FERIDO — SITUAÇÃO GERAL

Com a vitória de Boyacá, o Congresso Venezuelano de Angostura proclamou a independência da Colômbia, em união com a Venezuela. Os realistas continuaram a dominar o norte daquelas novas nações e a manter em Quito, ao comando de Morillo, um exército de 12.000 homens. Enquanto isto a Espanha reuniu em Cadiz, poderosas forças para abafar as independências da Colômbia e Venezuela. Estas forças revoltaram-se no dia 1º de janeiro de 1820, obrigando ao rei Fernando VII restabelecer a constituição de 1812 e a convocar as Cortes. O Gen Morillo foi orienta-

do a negociar com os patriotas, em 25 de novembro de 1820, um armistício de 6 meses. A trégua foi rompida, em 28 de janeiro de 1821, pela cidade de Maracaibo que declarou sua independência.

SITUAÇÃO PARTICULAR

As hostilidades, de mútuo acordo entre o comandante realista La Torre, que contava de cerca de 6.000 homens, e Bolívar, deveriam ser reiniciadas em 28 de abril de 1821. Bolívar providenciou para concentrar suas forças que estavam dispersas em diversos locais. La Torre saiu de Valência e tomou posição na planície de Carabobo, ponto estratégico por sua posição e topografia. De São Carlos, após concentrar 6.000 patriotas, Bolívar partiu ao encontro de La Torre, na planície de Carabobo, onde teria lugar a batalha que acabaria com a guerra no Norte. Os espanhóis ficariam em seu poder apenas com o Panamá e Puerto Cabello. Os exércitos libertadores de Bolívar, ao Norte, e de San Martín, ao Sul, ficariam separados pela antiga Presidência de Quito.

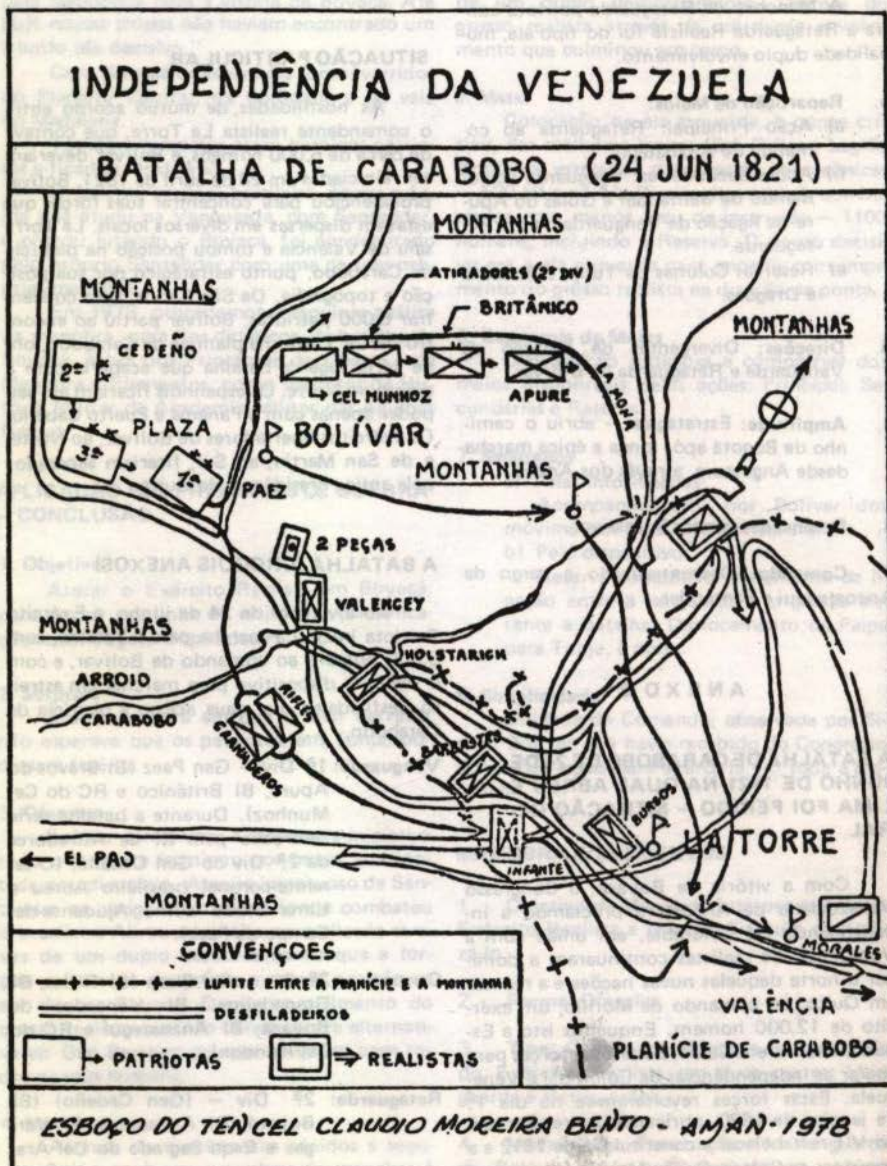
A BATALHA (CROQUIS ANEXOS)

Ao alvorecer de 24 de junho, o Exército Patriota iniciou a marcha para a batalha, com 6.000 homens ao comando de Bolívar, e com o seguinte dispositivo para marchar em estreito desfiladeiro que dava acesso à planície de Carabobo.

Vanguarda: 1ª Div — Gen Paez (BI Bravos do Apure, BI Britânico e RC do Cel Munhoz). Durante a batalha seria reforçado pelo BI de Atiradores da 2ª Div do Gen Cedeño. (O tenente-coronel brasileiro Abreu e Lima atuou como Ajudante-de-Campo de Paez).

Centro: 3ª Div — Cel Plaza (BI Rifles, BI Granadeiros, BI Vencedor de Boyacá, BI Anzoategui e RC do Cel Rondon).

Retaguarda: 2ª Div — (Gen Cedeño) (BI Boyacá, BI Atiradores, BI Vargas e Esqd Sagrado do Cel Arameng).



Das alturas de Buenavista, Bolívar dividiu o dispositivo adotado pelos realistas na planície de Carabobo. Dispositivo em profundidade e assim disposto por La Torre, ao longo do caminho São Carlos — Valência, na montanha e planície:

Vanguarda: BI Valency e duas peças de Artilharia, em posição dominante e fechando o caminho do desfiladeiro, ao norte do arroio Carabobo. Unidade ao comando do intrépido e bravo Cel Dom Thomaz Garcia que neste dia escreveu uma bela página da competência e valor militar, que causou profundo respeito aos patriotas e honrou ainda mais a grande vitória de Símón Bolívar — O Libertador.

Centro: Os BI Hostalrich de Barbastro e Burges.

Flancoguarda: O BI Infante, cobertura na entrada da planície face à direção de El Pao, para prevenir um desbordamento patriota por aquele desfiladeiro.

Reserva: Cavalaria de Morales, forte de 1.500 homens (RC Hussardos, RC Guias, RC del Rey e mais o equivalente a quatro Esquadrões de Cavalaria).

Às 11:00 horas, o Exército Patriota chocou-se com o BI Valency apoiado por duas peças de Artilharia. Estavam postados em alturas dominantes do desfiladeiro, inacessíveis e não desbordáveis. Na impossibilidade de um ataque frontal, em frente estreita, Bolívar, através de um guia, descobriu e decidiu usar o caminho de La Mona, pouco conhecido e quase impraticável, que desembocava na planície de Carabobo, em local não defendido por La Torre e sobre o flanco direito do Exército Realista. Com as 3ª e 2ª Div Bolívar fixou o BI Valency. A seguir desfilou sob os fogos deste, com a Div de Paez, para progredir pelo caminho de La Mona. Com uma hora de marcha, em terreno difícil, Paez atingiu as proximidades da entrada da planície, onde foi chocar-se com o BI Burgos que sob a chefia direta de La Torre, para lá o havia dirigido, ao perceber a tentativa envolvente de seu flanco direito. Este BI não levou muito tempo a ser socorrido pelos BI Hostalrich e Barbastro. Paez, em terreno confinado, engajou suces-

sivamente, por escadões, os BI Bravos do Apure e Britânico e parte do Atiradores que recebeu em reforço. A luta aí se tornou feroz. Com grande ímpeto ofensivo e agressividade os patriotas conseguiram recalcar os realistas e formar a Infantaria numa frente de 400 metros por duas fileiras de fundo e, assim, carregar à baioneta, os três BI realistas. Neste exato momento, tentam intervir na batalha 500 cavaleiros realistas que são rechaçados e postos a correr por 100 cavaleiros patriotas que haviam atingido o local da batalha e que se comportaram com bravura admirável e decidiram a batalha. (Nesta ação o Ajudante-de-Campo de Paez, Abreu e Lima, atuou e foi ferido.) À vista disso, o BI Hostalrich logo seguido pelo BI Burgos desintegraram-se e começaram a fugir em desordem. Somente o BI Barbastro retraiu em ordem e combatendo. Enquanto isto, as 3ª e 2ª Div pressionam o BI Valency que percebendo a ameaça de sua retaguarda retraiu em ordem para a planície. Patriotas mais desejosos de participar, por difíceis caminhos, caíram sobre o BI Infante que logo se desintegrou e começou a fugir em desordem, sobre a ação fulminante de elementos dos BI Rifles e Granadeiros da Div do Cel Plaza, que aí encontraria sua morte gloriosa. O BI Barbastro após continuada resistência também desintegrou-se ante a forte e determinada ofensiva patriota. Somente o BI Valency resistiu a todos os embates. Pressionado por todos os lados, retraiu em ordem na direção de Valência, onde chegou ao anoitecer. A noite favoreceu sua retirada, sem pressão, para Porto Cabello, onde chegou após legar um belo exemplo aos fugitivos realistas e aos patriotas, além de honrar sobremodo as armas espanholas e valorizar a vitória patriota neste dia.

Sob seus quadrados encontrou morte heróica o Gen Cedeño "O Bravo dos Bravos" da libertação da Colômbia e Venezuela. Os patriotas tiveram 200 baixas a lamentar e entre elas o brasileiro Abreu e Lima, ferido. Com a difícil vitória de Carabobo surgiu mais uma nação sul-americana — A República da Venezuela, conforme reconheceu na oportunidade o Congresso de Cucuta:

"Após esta batalha deixou de existir o único Exército em que o colonizador fundava suas últimas esperanças de manter em seu poder a Venezuela. . . a memorável jornada de Carabobo consolidou igualmente a existência desta nova República" — A República da Venezuela.

Por sua participação heróica o brasileiro Abreu e Lima foi condecorado nesta ação.

NOTA: A presente descrição foi feita com apoio na tradução e interpretação das seguintes obras editadas no transcurso do Sesquicentenário da Batalha de Carabobo e cedidas gentilmente à Cadeira de História Militar da Academia Militar das Agulhas Negras, pelo Consulado Geral da República da Venezuela no Rio de Janeiro, em 16 de agosto de 1978.

1. BASTARDO, J. L. Salcedo. *Visão e revisão de Bolívar*. Rio, Agir, 1976.
2. BLANCO, Eduardo. *Carabobo*. Caracas, Presid. República, 1971.
3. CONSEJO MUNICIPAL. *Carabobo*. Caracas, 1971.
4. DIAZ, J. A. Perez. *Carabobo*. Caracas, Congresso de La República, 1971.
5. PRESIDÊNCIA DE LA REPÚBLICA DE VENEZUELA. *Carabobo generacion de heroes*. Caracas, 1971.

As obras 2, 3 e 5 contém as partes de combate de Simon Bolívar sobre a batalha. O esboço, anexo ao presente trabalho, é uma síntese dos quatro mapas existentes da obra nº 3, que apresentam o desenvolvimento da batalha de Carabobo.

APLICAÇÃO DOS PRINCÍPIOS DE GUERRA – CONCLUSÃO

1. Objetivo

Atacar o flanco direito do Exército Realista, na planície de Carabobo.

2. Surpresa

Uso por Bolívar do caminho de La Mona, pela Divisão Paez, reforçada. Caminho difícil usado e não esperado pelos realistas que provocou o irrompimento dos patriotas, de surpresa, no flanco direito realista. (O brasileiro Abreu e Lima aí atuou).

3. Ofensiva

Bolívar depois detido no disfiladeiro, em frente estreita, lançou Paez, através do cami-

nho La Mona. A partir daí conquistou e manteve a iniciativa das ações, todo o tempo, acutilando o adversário até Valência.

Ao grande ímpeto ofensivo e agressividade da Divisão Paez, onde lutava como Ajudante-de-Campo o brasileiro Abreu e Lima, se deveu o início do fim dos realistas.

4. Manobra

Esta caracterizada particularmente pelo deslocamento rápido e por caminho tido por impraticável, o caminho de La Mona, da Div Paez para desbordar o flanco direito realista e desequilibrar o centro de gravidade do general La Torre.

5. Massa

Lançar sobre o ponto crítico o flanco direito a 1.ª Divisão de Paez, a mais indicada para o tipo de operação, reforçada por um BI de Atiradores da 2.ª Divisão do general Ceño.

6. Economia de Meios

Distribuição judiciosa e mais compatível dos meios disponíveis pela ação principal e pelas demais.

7. Segurança

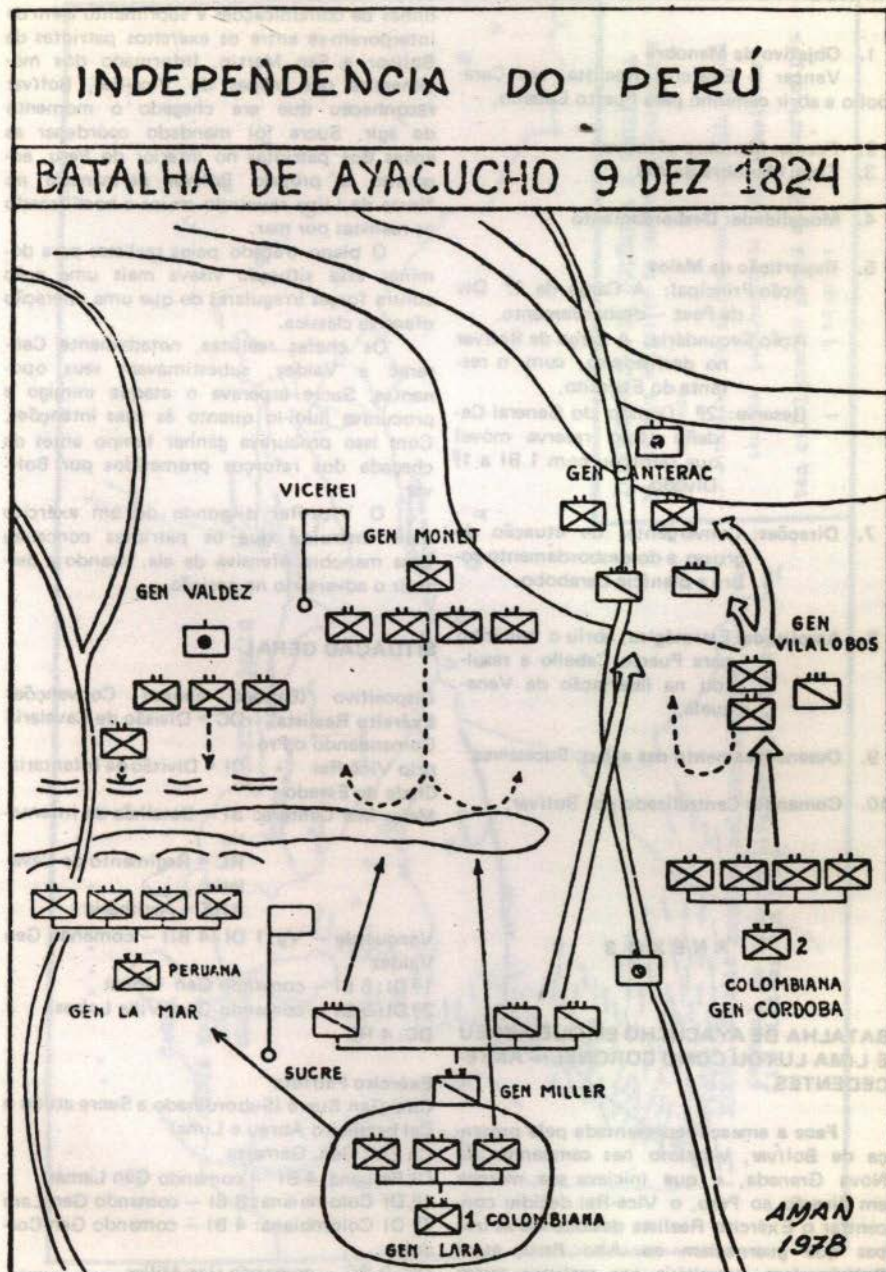
Pelas informações por procurar levantar o dispositivo adversário na planície e, depois, ao procurar um caminho que pudesse servir a um desbordamento. Segurança pelo dispositivo usada por Paez, ao engajar, sucessivamente suas peças de manobra por escalões. Depois por formar sua Infantaria em duas fileiras para a carga e aplicação da reserva de 100 cavalaria nos no momento certo contra 500 cavalaria nos realistas (contexto em que atuou como um simples lanceiro e foi ferido o brasileiro Abreu e Lima.)

8. Simplicidade

Uma fixação do grosso realista ao longo de desfiladeiro, combinado com uma manobra desbordante que provocou a mudança brusca do centro de gravidade realista, todo em coluna.

9. Unidade de Comando

Foi observada por Bolívar e por seus generais.



MANOBRA E ELEMENTOS — ANÁLISE

1. **Objetivo da Manobra**
Vencer o Exército Realista, em Carabobo e abrir caminho para Puerto Cabello.
2. **Forma: Manobra ofensiva**
3. **Tipo: Manobra de Ala**
4. **Modalidade: Desbordamento**
5. **Repartição de Meios**
 - Ação Principal: A Cargo da 1ª Div de Paéz — desbordamento.
 - Ação Secundária: A cargo de Bolívar no desfiladeiro, com o restante do Exército.
 - Reserva: 2ª Divisão do General Cedeño (tipo reserva móvel que reforçou com 1 BI a 1ª Divisão).
7. **Direções: Convergentes de atuação do grosso e do desbordamento sobre a planície Carabobo.**
8. **Amplitude: Estratégica, abriu o caminho para Puerto Cabello e resultou na libertação da Venezuela.**
9. **Desencadeamento das ações: Sucessivas.**
10. **Comando: Centralizado por Bolívar.**

ANEXO 3

BATALHA DE AYACUCHO EM QUE ABREU E LIMA LUTOU COMO CORONEL — ANTECEDENTES

Face a ameaça representada pela presença de Bolívar, vitorioso nas campanhas da Nova Granada, e que iniciava sua marcha em direção ao Peru, o Vice-Rei decidiu concentrar o Exército Realista deslocando as tropas que guarneciam ao Alto Peru, atual Bolívia. Isso permitiria aos realistas serem

fortes no momento decisivo, encurtando suas linhas de comunicações e suprimento além de interpor-se entre os exércitos patriotas de Bolívar e San Martín. Informado dos movimentos das tropas do Vice-Rei, Bolívar reconheceu que era chegado o momento de agir. Sucre foi mandado coordenar as ações dos patriotas no interior do Peru, enquanto o próprio Bolívar permanecia no Norte de Lima reunindo meios e hostilizando os realistas por mar.

O plano traçado pelos realistas para dominar essa situação visava mais uma ação contra forças irregulares do que uma operação ofensiva clássica.

Os chefes realistas, notadamente Canterac e Valdez, subestimavam seus oponentes. Sucre esperava o ataque inimigo e procurava iludi-lo quanto às suas intenções. Com isso procurava ganhar tempo antes da chegada dos reforços prometidos por Bolívar.

O Vice-Rei dispoñdo de um exército mais instruído que os patriotas concebeu uma manobra ofensiva de ala, visando a destruir o adversário na posição.

SITUAÇÃO GERAL

Dispositivo (Esboço anexo) Convenções
Exército Realista DC = Divisão de Cavalaria
Comandando o Próprio Vice-Rei DI = Divisão de Infantaria
Chefe do Estado-

Maior Mar Canterac BI = Batalhão de Infantaria
RC = Regimento de Cavalaria
ART = Artilharia

Vanguarda — Vg: 1 DI (4 BI) — comando Gen Valdez

1ª DI: 5 BI — comando Gen Monet

2ª DI: 5 BI — comando Gen Villa Lobos

DC: 4 RC

Exército Patriota

Cmt Gen Sucre (Subordinado a Sucre atuou o Cel brasileiro Abreu e Lima)

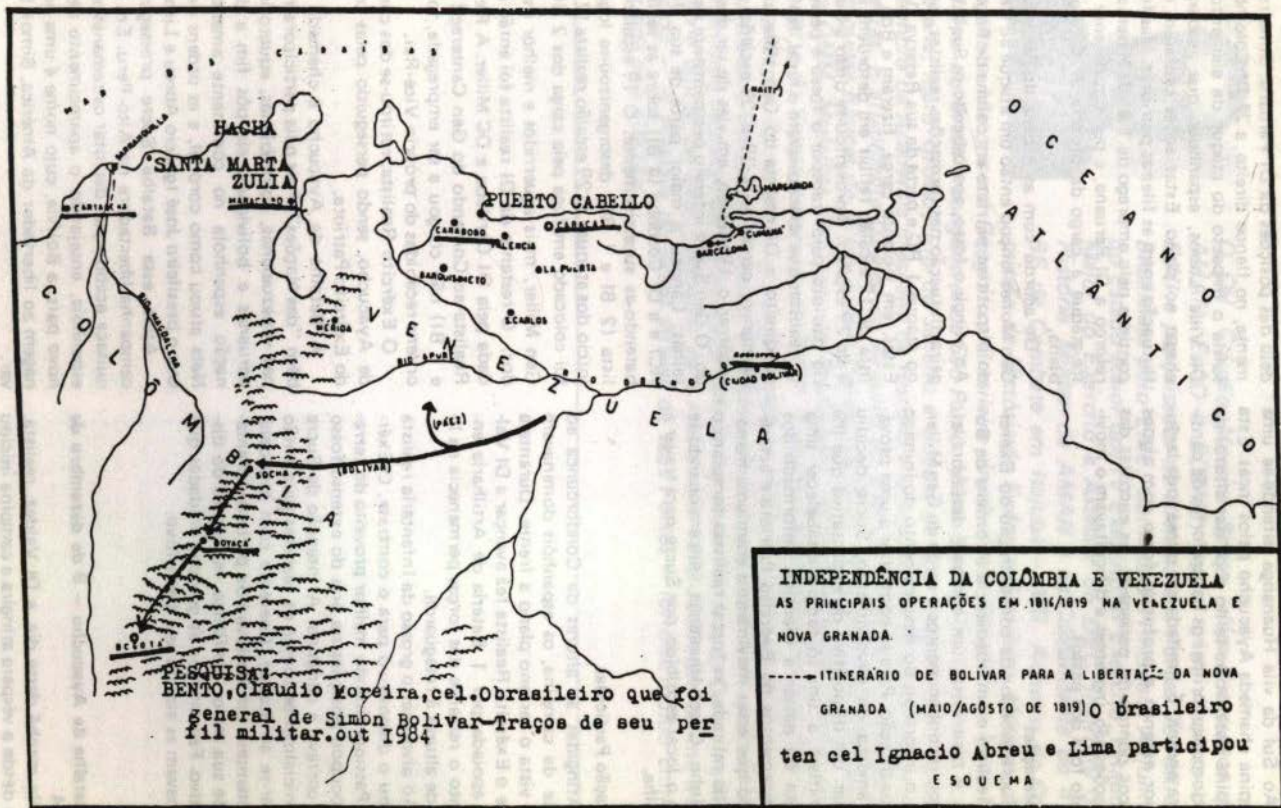
Ch EM: Gen Gamarra

DI Peruana: 4 BI — comando Gen Lamar

1ª DI Colombiana: 3 BI — comando Gen Lara

2ª DI Colombiana: 4 BI — comando Gen Córdoba

DC: 3 RC — comando Gen Miller



PESQUISA:
 BENTO, Claudio Moreira, cel. O brasileiro que foi
 general de Simon Bolívar - Traços de seu per
 fil militar. out 1984

Terreno

Ao Sul da vila Huananga estende-se uma campina chamada Ayacucho pelos incas. Esta campina desenvolve-se no sopé das alturas de Condorcunca, primeiros contrafortes de cordilheira andina. É limitada em quase toda largura por extenso e profundo fosso com alguns poucos pontos de passagem. As encostas das elevações são íngremes e dificultavam o movimento fora dos passos.

Informações

Sucre sabedor da concentração do Exército Realista e em obediência às ordens de Bolívar e para evitar um combate desfavorável, lançou reconhecimentos a cargo do Gen Miller. Este o informou do deslocamento do inimigo na sua direção. Para se contrapor a uma provável ameaça de envolvimento, Sucre decidiu adotar um dispositivo de expectativa que lhe permitisse a um só tempo estabelecer uma defesa ou passar a ofensiva. Informado dos deslocamentos do Exército Patriota e acreditando que esses movimentos eram uma manobra de retirada, as forças realistas tomaram o caminho Cusco-Huananga, encaminhando-se para o local escolhido por Sucre para travar a batalha.

Situação Particular

Atingidas as alturas de Condorcunca ao Norte da campina, os espanhóis dominavam pela vista o terreno plano a frente. Durante a noite o Exército Realista fez avançar a DI Valdez apoiada por 1 Bateria de Artilharia enquanto o restante das forças permanecia na linha de alturas à retaguarda.

Ao alvorecer o grosso da Infantaria realista tomou o dispositivo para o combate. O Exército Patriota tirando melhor proveito do terreno, ocupou posições na orla do extenso fosso que cortava a campina. A intenção de Sucre foi inicialmente conter os realistas para então lançar-se ao ataque. Coerente com essa decisão manteve em Reserva boa parte da Infantaria de sua maior confiança, no centro do dispositivo. Fez avançar as grandes unidades que ocupavam as alas do seu dispositivo.

A Batalha de Ayacucho — 9 de dezembro de 1824

Na manhã desse dia, a DI Valdez, realista, que desde a véspera atingira a campina iniciou

o ataque acompanhado de violento bombardeio das posições da DI Peruana. Simultaneamente, no flanco direito, a 2ª DI Colombiana sofria o impacto do ataque de elementos da DI Villa Lobos, espanhola, que acabara de chegar ao plano. Estas ações causaram certa flutuação entre as fileiras patriotas. Mas foram contidas pelo emprego de 1 BI da Reserva, em reforço a DI Peruana, e por um potente contra-ataque a cargo da própria 2ª DI Colombiana.

De acordo com as ordens do Vice-Rei, o Gen Monet lançou então um ataque ao Centro do dispositivo patriota em coluna de Brigadas. Ao atingir o fosso, apercebendo-se Sucre de ligeira flutuação nas formações realistas, lançou no ataque 1 RC e parte de sua Reserva (1 BI). Estes, em violenta carga, fizeram a Bda Realista de 1º escalão refluir em desordem sobre a do 2º escalão. Aproveitou-se disso a Cavalaria patriota para transpor o fosso e perseguir os realistas que abandonavam o local. No flanco direito a DI realista do Gen Villa Lobos procurava cerrar seus 2º e 3º escalões para socorrer o 1º escalão, em vias de ser destruído. O Gen Sucre interviu pessoalmente nas batalhas: Lançou a maior parte de sua DC (2 RC) e a DI Cordoba (4 BI) sobre as realistas, batendo-as sucessivamente. O 1º escalão realista (2 BI e 1 RC) desorganizou-se logo ao início dos ataques. O 2º escalão realista (2 RC) foi colocado em fuga pela carga dos 2 RC do Gen Miller, mais aguerridos e melhor montados. O restante da DI realista foi então abordada pela DI Cordoba e DC Miller. A Reserva Realista ao Comando do Gen Canterac (1 RC e 1 BI) não chegou a ser empregada, face às ordens recebidas do próprio Vice-Rei.

O Exército Realista, retirou-se dos campos de Ayacucho, sendo perseguido pelas tropas do Exército Patriota.

A Batalha de Ayacucho é chamada também "das Nações". Pois nela participaram tropas venezuelanas, colombianas, equatorianas, peruanas e bolivianas, ela pôs fim a dominação espanhola no continente americano. Nela atuou como coronel, e as ordens de Sucre, o brasileiro José Ignacio Abreu e Lima.

Após essa Batalha Sucre prosseguiu a campanha libertadora no Alto Peru. Em Chuquisaca acabou por derrotar os remanescentes espanhóis, ensejando o aparecimento de um novo país, a Bolívia, cujo nome é uma homenagem ao libertador da América, Simon Bolívar.



O Cel Cláudio Moreira Bento, além dos cursos da AMAN, EsAO e ECEME, possui o de Analista da EsNI e pesquisador de História das Forças Terrestres Brasileiras pelo EME. *Comissões Principais:* Adjunto do Estado-Maior dos IV Exército, II Exército, Estado-Maior do Exército e Assessor do DEC. Instrutor de História Militar da AMAN e ex-Comandante do 4º BE de Combate em Itajubá — MG. Adjunto da Comissão de História do Exército Brasileiro. Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e congêneres de São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná, Mato Grosso, Rio de Janeiro e cidades de São Leopoldo e Pelotas. Membro da Academia Brasileira de História e Academia Sul-Rio-Grandense de Letras. É atualmente Diretor do Arquivo do Exército. Preside a Comissão de Pesquisas Básicas de História de A Defesa Nacional. Condecorações: Cavaleiro da OMM, Medalhas de Ouro, do Pacificador, da Inconfidência, Santos Dumont e do Sesquicentenário da PMSP. Trabalhos publicados: As Batalhas dos Guararapes, Estrangeiros e Descendentes na História Militar do RGS e o manual Como Estudar e Pesquisar a História do Exército, publicado pelo EME. Participou da pesquisa, elaboração e edição das obras História da Doutrina Militar e Militar do Brasil, editadas pela AMAN em 1979-1980. Seu último trabalho — A História do Brasil através de seus Fortes — foi distribuído como brinde pela GBOEx.